


*Para Asia e Dylan, os meus fantásticos monstrinhos. É um privilégio ser vossa mãe. (E, na verdade? Amo-vos realmente mais, acima de tudo e sempre. *sorriso* Que tal esta para ficar com a última palavra?)*



— | — | — | — | — Agradecimentos — | — | — | — | —

 Anne Hoppe continua a ser a minha campeã e a minha Némesis. Por ambas as coisas, estou-lhe grata. Se não tivesse a Anne a lutar por nós e comigo, estes livros seriam coisas inferiores.

Criar um livro não é algo que se faça sozinho. Tanta gente maravilhosa na Harper cuida dos meus livros (e de mim) e, embora não chegue a conhecer-vos a todos, estou grata pelo vosso trabalho. Dito isto, tenho de sentir uma gratidão especial por aqueles de vós que têm a tarefa de me aturar: a minha agente publicitária *extraordinaire* Melissa Bruno, o anjo dos direitos secundários Jean McGinley, a sábia do *marketing* Suzanne Daghlian, a deusa da arte Alison Donalty e Susan Katz, que tudo vê.

Agradeço aos meus leitores, especialmente àqueles de vós (Meggie, Maria, Phe, Tiger, Meg, Tegan, Aine, Karen, Ashley e todos os outros) que se juntaram a mim não só em eventos mas também em passeios noturnos, visitas ao aquário ou refeições, quando estava em digressão. Significa muito para mim que estejam dispostos a partilhar o vosso tempo comigo pessoalmente, *online* ou através de cartas.

Agradeço imenso a: Mark Tucker, por descobrir o modelo que é Ani; Jen Barnes, Rachel Vincent, Jeaniene Frost e Asia, por lerem; Mer-

rilee Heifetz, por exceder as minhas expectativas tão frequentemente; Jeaniene, pelo título; Susan, pelos conhecimentos, especialmente pelo valioso mantra «protege a obra»; e Neil, pelas viagens sensoriais e pela sua sabedoria.

Um agradecimento muito especial vai para a Fazi Editore, por me levar a conhecer os meus leitores italianos. Elido Fazi, Pamela Ruffo, Maria Galeano e Cristina Marino não só cuidaram de mim e da minha família como também permitiram que me apaixonasse perdidamente por Roma. Obrigada.

O meu agradecimento mais estranho, talvez, vai para algumas pessoas que nunca verão estas palavras, mas sem as quais nunca teria escrito nenhum dos livros da coleção *Wicked Lovely*. Não consigo escrever sem música, por isso cada livro tem um conjunto de canções que ouço vezes sem conta. Por este livro, agradeço a Ani DiFranco (sim, a minha Ani foi batizada em homenagem a ela), She Wants Revenge e The Kills. Contudo, por *todos* os livros que escrevi, a minha gratidão vai para Marilyn Manson, Maynard James Keenan, Damien Rice e Tori Amos. A arte deles inspira-me.

Como sempre, agradeço aos meus pais, aos meus filhos e ao meu marido. O meu mundo desmoronava sem vós.

Prólogo

FINAL DO SÉCULO XIX

Devlin manteve-se imóvel enquanto a rapariga spectral se aproximava. A pluma do seu chapéu e os cachos escuros que lhe emolduravam o rosto não se mexiam, apesar da brisa que corria sobre o campo. O ar não a tocava; conseqüentemente, Devlin não estava certo de o poder fazer.

— Pareço estar a sonhar, ou talvez *perdida* — murmurou a rapariga.

— De facto.

— Estava a descansar ali — apontou para trás de si, franziu o sobrolho e sorriu de forma hesitante para Devlin, — na gruta que parece ter desaparecido. Ainda estarei a descansar?

A rapariga apresentou um dilema a Devlin. Todos aqueles que entrassem no Mundo das Fadas sem serem convidados deveriam ser levados perante a Rainha Suprema — ou liquidados, se Devlin os considerasse uma ameaça. A sua função era assegurar a ordem, fazer o que melhor servisse os interesses do Mundo das Fadas.

— Numa gruta? — Incitou-a a continuar.

— O meu tutor e eu tivemos uma contenda. — A rapariga estremeceu e cruzou os braços sobre o peito. O vestido que estava a usar não era a



última tendência da moda daquela estação, mas não estava terrivelmente ultrapassado.

Quando Devlin não respondeu, a rapariga acrescentou:

— Pareces ser um cavalheiro. Suponho que a tua mansão não seja perto daqui? A tua mãe ou irmãs? Não é que a minha tia esteja à espera que eu faça um grande casamento, mas *iria* ficar... desagrada-se se eu fosse vista sozinha na companhia de um cavalheiro.

— Não sou um cavalheiro.

Ela empalideceu.

— E conhecer as minhas mães-irmãs é algo que eu não desejaria aos inocentes — acrescentou. — Devias voltar para trás. Encara isto como um pesadelo. Vai-te embora daqui.

A rapariga olhou em redor do campo; o seu olhar absorveu a paisagem do Mundo das Fadas — as teias de aranha de seda que pendiam das árvores, o céu tingido de dourado e rosa que a rainha escolhera para esse dia — e depois pousou em Devlin.

Devlin não se mexeu enquanto ela o observava. Ela não vacilou com a visão do seu cabelo opalescente ou dos seus olhos inumanos; não hesitou perante os seus traços angulados ou a sua quietude de outro mundo. Não estava certo que reação esperava que a rapariga tivesse: nunca tinha sido visto por um mortal como era realmente. No mundo deles, usava um disfarce para se parecer com eles. Aqui, era conhecido por *aquilo* que era, as Mãos Ensanguentadas da Rainha. A avaliação da rapariga era um acontecimento único.

As faces dela ficaram rosadas, enquanto o observava descaradamente.

— Pareces realmente um homem gentil.

— Não sou. — Avançou na direção dela. — Existo para manter a ordem, para a rainha do Mundo das Fadas. Não sou gentil nem sou um homem.

A rapariga desmaiou.

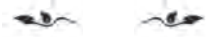
Devlin deu um salto em frente para a apanhar e ajoelhou-se no chão, com os braços vazios — enquanto a forma dela se instalava dentro da pele dele. Ele não conseguia segurar o que era insubstancial, mas aparentemente ela conseguia habitar o corpo dele, como se fosse seu.

A voz dela estava dentro da cabeça dele. *Senhor?*

Devlin não conseguia mexer-se: não tinha controlo sobre o seu corpo. Ainda estava dentro de si próprio, mas não era ele a dar vida ao seu corpo. A forma espectral da rapariga preencheria-lhe a pele, como se fosse o seu próprio corpo.

Consegues mexer-te? perguntou Devlin.





Claro! A rapariga sentou-se e, ao fazê-lo, abandonou o corpo de Devlin.

Ele engoliu em seco perante a explosão de emoções peculiares que o atravessaram. Sentiu-se livre e entusiasmado e várias outras coisas que iam contra a contenção da Corte Suprema — e gostou.

Ela levantou uma mão como se fosse tocar-lhe, mas passou através dele.

— Não estou a sonhar, pois não?

— Não. — Devlin sentiu uma vontade inesperada de a proteger, a esta criança mortal abandonada. — Como te chamas?

— Katherine Rae O’Flaherty — sussurrou. — Se estou acordada agora, isso significa que és uma *criatura etérea*.

— Uma criatura eté...

— Tenho direito a três desejos! — Bateu palmas e arregalou os olhos. — Oh, o que hei de desejar? O amor verdadeiro? A vida eterna? Nada de frívolo como vestidos, certamente! Oh, talvez queira apenas guardar os meus desejos!

— Desejos?

— Não podes obrigar-me a pedir os meus desejos agora. — Endireitou os ombros e olhou para Devlin. — Já li alguns textos. Sei que se discute acerca da *bondade* da tua gente, mas não acredito nem por um instante que não sejas gentil. Ora, olha só para ti!

Devlin franziu o sobrolho. Não desperdiçava o seu tempo com tolices; fazia apenas aquilo que a sua rainha exigia. *Exceto por aqueles momentos de prazer roubados no mundo mortal*. A sua rainha sabia das suas indulgências, até olhava para o outro lado. *Que mal faria uma indulgência neste caso?* Ela era o espectro de uma rapariga mortal, não constituía qualquer ameaça para a rainha do Mundo das Fadas. *Não violo nenhuma ordem se a acolher*. Tentou sorrir para a rapariga.

— Katherine Rae O’Flaherty, se vais ficar no nosso mundo, o termo que vais usar é *Sídhe*¹, fada, ou fadas.

— Usarei esses termos... uma vez que *vou* ficar. — Pôs-se em pé rapidamente. — Na verdade, já li livros do Reverendo Kirk. A biblioteca do meu tio tem bastantes livros acerca do teu povo. Também li os contos de fadas do Sr. Lang. A doçura...

— Os livros não são o mesmo que a realidade. — Devlin fitou-a. — O meu mundo nem sempre é bom para os mortais.

¹ *Sídhe*: palavra irlandesa e escocesa que designa o lar de fadas e elfos e os próprios habitantes. (N. da T.)



A expressão nos olhos dela já não era de inocência.

— Nem o mundo mortal.

— De facto. — Devlin olhou-a com um agradável acesso de curiosidade.

A rapariga aproximou-se.

— Se eu voltar para o meu corpo, continuarei viva? Se voltar para lá, quanto tempo terá passado?

— O tempo passa de forma diferente e não faço ideia de há quanto tempo andas a vaguear. Se ficares, também podes morrer. A Rainha Suprema não aceita convidados indesejados no Mundo das Fadas.

Devlin tentou usar o seu sorriso mais gentil, um que não tivera grande utilidade ao longo da sua vida.

— Se ela souber da tua presença...

— Recebo os meus três desejos? — interrompeu Katherine Rae.

— Podes receber. — Não era comum conceder desejos, mas Devlin deu consigo a querer agradecer à rapariga.

Ela inclinou o queixo.

— Então, o meu primeiro desejo é que me mantinhas em segurança... como te chamas?

Devlin fez uma vénia.

— Sou Devlin, irmão e conselheiro da Rainha Suprema; mercenário e guardião da ordem.

— Oh. — Ela balançou como se fosse desmaiar novamente.

— E agora, protetor de Katherine Rae O'Flaherty — acrescentou rapidamente.


Devlin nunca tinha tido alguém na sua vida que fosse realmente seu; nunca tinha tido um amigo ou confidente, nunca tinha tido uma namorada ou companheira. Não estava completamente certo de *poder* ter qualquer um deles. O seu dever mais importante era para com a sua rainha, a sua corte, o próprio Mundo das Fadas. Tinha sido criado para servir e sentia-se honrado em fazê-lo.

Também se sentia muito sozinho.

Olhou de relance para Katherine Rae. Ela não tinha corpo, poder ou relações de fidelidade.

Que mal pode fazer acolher uma rapariga spectral?

FINAL DO SÉCULO XX

 Quando Devlin entrou no salão de banquetes, a divisão estava vazia — exceto pela própria rainha. No centro do salão, deslocada no meio dos pilares de pedra e das tapeçarias tecidas, uma cascata submergia. O respingar da água fazia formas enevoadas no ar, e depois a água escoava e desaparecia numa das paredes longínquas. A Rainha Suprema observava a água em queda, os fios de possibilidades que via nela. As belas imagens em filamento do que *poderia ser* não constituíam certezas, mas Sorcha mantinha a ordem vigiando os futuros possíveis. Seria ela a realinhá-los, caso a desordem acontecesse dentro dos limites do Mundo das Fadas, mas se a aberração acontecesse no mundo mortal, enviaria Devlin para o corrigir.

Ele aproximou-se do estrado onde estava o trono de Sorcha. Durante toda a eternidade, servira-a como as suas Mãos Ensanguentadas. Fora feito para a violência, mas servia a corte da ordem.

Sem desviar o olhar da água, Sorcha levantou-se e estendeu uma mão, sabendo que ele estaria ao seu alcance.

Mais ninguém teve a confiança dela, em toda a eternidade.

No entanto, isso não significava que ela devesse confiar nele.



Devlin soltou-lhe a mão, e ela atravessou o salão.

Ele seguiu-a.

— Olha para eles. — Sorcha gesticulou no ar, tornando nítida a imagem de uma mulher. A mortal era bela: um rosto em forma de coração, cabelo castanho-claro e olhos verde-azeitona. No quarto com ela, estavam duas crianças, uma das quais derrubou a outra. Riam-se enquanto reboavam juntas no chão.

— A cachorra mais nova é um problema. — A Rainha Suprema fez uma pausa; os seus traços suavizaram-se numa expressão que parecia de anseio. Depois, a expressão paralisou à medida que a imagem se dissolvia num nevoeiro, e a temperatura caiu. — Tem de ser resolvido.

— Devo recolhê-la? — Devlin lavou as mãos na água agora gélida que corria pelo salão da sua mãe-irmã-rainha. Já tinha recolhido crianças em pranto e artistas mudos; trouxera músicos e loucos para a sua rainha, às suas ordens. Recolher mortais ou *halflings*² era algo comum — mas não tão agradável como algumas tarefas.

— Não. — Sorcha olhou-o durante um longo momento. — Esta não deve entrar no Mundo das Fadas. Nunca.

Sorcha avançou, de forma que as bainhas das suas saias tocassem a água. Os seus pés sempre descalços estavam expostos na água gelada e, por um breve segundo, Devlin viu-a como ela era: uma vela com uma chama ténue rodeada pela obscuridade do caos. O seu cabelo cor de fogo mexeu-se devido a uma brisa que só existia por vontade dela. À sua volta, a divisão mudou de um salão frio para uma selva fértil, depois para um deserto e de novo para o salão, refletindo até o seu pensamento mais breve — como refletiam todas as coisas no Mundo das Fadas. Sorcha era a sua fonte, a sua criadora. Era a ordem e a vida. Sem a vontade de Sorcha, apenas ela e a sua antítese, a sua gémea Bananach, existiriam.

— O que queres de mim? — perguntou Devlin.

Sorcha não olhou para ele.

— Às vezes, a morte é necessária para manter a ordem.

— A criança?

— Sim. — A sua voz não mostrou qualquer emoção, mesmo enquanto ordenava a morte de uma criança. Ela era a razão personificada, segura do seu lugar, certa da sua correção. — Nasceu do Rei das Trevas, é filha da Caça Selvagem, do próprio Gabriel. Causará complicações inaceitáveis se viver.

Avançou mais para dentro de água. A cascata parou a meio do seu

² *Halfling*: criatura metade humana, metade feérica. (N. da T.)



fluxo, por isso as palavras de Sorcha eram o único som que se ouvia na divisão repentinamente silenciosa.

— Corrige isto, Irmão.

Devlin fez uma vénia, mas ela não desviou o olhar do fluxo de água suspenso, não voltou a sua atenção para ele enquanto ele saía. Sabia, no entanto, onde ele estava. A água caiu mais ruidosamente do que antes quando ele saiu do salão.


Ela sabe, mesmo quando não está a olhar. Às vezes, Devlin perguntava-se quanto da sua vida Sorcha veria realmente. Vivia para ela, sob a sua vontade e do seu lado. *Mas não sou apenas dela.* Sorcha nunca esquecia essa verdade. A partir de terra e magia, vontade e necessidade, as gémeas — Sorcha e Bananach — tinham criado Devlin, a primeira fada masculina. Tinha precisado tanto de machos como de fêmeas para existir no seu mundo; nisso, tal como em todas as coisas, era necessário um equilíbrio.

Não és um filho, és um irmão, dissera-lhe Sorcha. *Tal como eu, és órfão.*

A Ordem e a Discórdia fizeram-no como se fosse esculpido em pedra, uma escultura esculpida por duas fadas que nunca mais voltariam a colaborar. Tinham-lhe dado demasiados traços angulados e demasiadas características suavizadas: os lábios eram demasiado cheios e os olhos demasiado frios. Devlin era os melhores traços delas em harmonia. Enquanto Bananach tinha o cabelo do negro mais puro e Sorcha tinha o cabelo com vários tons de chamas vivas, o de Devlin era branco opalescente: todas as cores, numa existência alternada. Deram-lhe olhos do negro mais puro e força equivalente à de Bananach, mas nenhuma da sua loucura. Deram-lhe uma estatura alta e o amor de Sorcha pela arte, mas nenhuma da sua contenção física. Em conjunto, tinham-no tornado algo de extrema crueldade e de extrema beleza.

E depois, tinham lutado pela sua lealdade.





CAPÍTULO 1

ATUALIDADE

Ani abriu uma das portas laterais do estábulo. Era tanto uma garagem como um estábulo a sério e, à medida que avançava pelo edifício cavernoso, aspirou os aromas misturados de *diesel* e palha, fumo de escape e suor. A maioria das criaturas mantinha a ilusão de veículos quando estava fora do edifício, mas aqui, no seu refúgio seguro, as feras vagueavam na forma que lhes apetecesse. Um dos corcéis estava aninhado num parapeito sob a claraboia. Era algo entre uma águia e um leão; tinha penas e pelo a cobrir-lhe o corpo gigantesco. Vários outros corcéis estavam alinhados numa fila de várias motorizadas, carros e camiões. Um corcel fora do comum era um camelo.

Um Canídeo olhou para cima, ao polir uma *Harley* preta mate, com bastante crómio. O pano na sua mão era uma das muitas faixas de tecido que tinham sido importadas do Mundo das Fadas especificamente para os seus corcéis.

— Estás à procura da Chela?

— Não. — Ani ficou no corredor, não invadindo ainda o espaço dele ou o do corcel. — Da Chela, não.

A companheira semirregular do seu pai era uma fonte de conforto,



mas Chela queria ser mais maternal do que Ani poderia aceitar dela. De forma semelhante, as tentativas de paternidade do seu pai desviavam-se para algo semelhante às pretensões dos mortais. Ani não queria uma imitação de uma família mortal. Tinha uma família, com Rabbit e Tish, os seus irmãos semimortais. Durante o ano anterior, quando tinha sido levada para viver na Corte das Trevas, esperara algo diferente: queria fazer realmente parte da Caça Selvagem, ser um membro por inteiro da matilha do seu pai. Isso não acontecera.

O Canídeo parou os seus movimentos regulares apenas por tempo suficiente para a olhar de relance.

— O Gabriel também não está cá.

— Eu sei. Não estou à procura de ninguém em especial. — Ani subiu até à estrebaria. — Apenas gosto de estar aqui.

O Canídeo olhou para cima e para baixo do corredor aberto. Sendo tão cedo, não havia mais nenhum Canídeo à vista, mas havia mais de vinte corcéis que estavam suficientemente perto para os ver.

— Precisas de alguma coisa?

— Claro. — Ani encostou-se à parede. Seria um insulto não namoriscar, embora ambos soubessem que não podiam passar à ação. — Um pouco de diversão. Um pouco de sarilhos. Uma boleia...

— Faz com que o patrão concorde — os olhos do Canídeo brilharam num tom verde vibrante — e eu levo-te, com todo o gosto.

Ela sabia que os seus próprios olhos estavam a cintilar com a mesma energia que via nos dele. Ambos eram filhos da Caça Selvagem. Eram as criaturas que cavalgavam sobre a Terra, prolongando o terror, exigindo vingança, sem as restrições da ordem. Eram os dentes e as garras do Mundo das Fadas, a viver agora no mundo mortal, ligados à Corte das Trevas pelo seu Gabriel.

Um Gabriel que devoraria um qualquer que tocasse na sua filha.

— Sabes que ele não vai deixar — admitiu Ani.

O seu pai estava ao comando. As suas regras diziam que apenas aquele que conseguisse enfrentá-lo numa luta teria autorização para sair com ela.

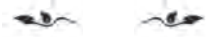
Ou fazer tudo o resto.

— Ei?

Ani olhou para o Canídeo.

— Se não fosses filha *dele*, eu arriscava, mas contrariar o Gabe é algo que eu não vou fazer.

Ani suspirou, não por ficar desiludida, mas pela futilidade de nunca receber uma resposta diferente.



— Eu sei.

— Convince-o de que não te vais estragar por te divertires um bocadinho, e eu serei o primeiro da fila. Prometo. — O Canídeo inclinou-se para a frente, para lhe dar um beijo rápido nos lábios.

Não foi mais do que um segundo de afeto, mas o Canídeo foi arrancado e projetado pelo corredor, para a estrebaria do lado oposto. O baque do seu corpo a bater contra as ripas de madeira abafou a maior parte dos palavrões que gritou.

— Não toques na minha cria³. — Gabriel estava de pé no meio do corredor. Estava a sorrir, mas a sua postura era ameaçadora. Claro que era o Canídeo que controlava a Caça Selvagem, por isso para ele ser ameaçador era tão natural como respirar. O Canídeo, no chão, passou a mão na nuca enquanto se apoiava numa divisória da estrebaria de madeira.

— Raios, Gabriel. Eu não lhe toquei.

— Os teus lábios estavam nos dela. Isso é *tocar* — rosnou Gabriel.

Ani pôs-se em frente ao seu pai e espetou-lhe o dedo no peito.

— Não ajas como se fosse errado que eles reajam a mim.

Gabriel fulminou-a com o olhar, mas não levantou nem uma mão.

— Sou o Gabriel. Mando nesta matilha e se algum deles — olhou para além dela, para o Canídeo que estava no chão — me quiser desafiar por tua causa, só precisa de dizer.

O Canídeo que estava no chão fez-se ouvir.

— Eu rejeitei-a.

— Não foi por lhe faltar alguma coisa — rosnou Gabriel.

— Não, não. — O Canídeo levantou as mãos. — Ela é perfeita, Gabe... mas tu disseste que ela era território proibido.

Gabriel estendeu uma mão para o Canídeo no chão, sem olhar para ele.

O Canídeo olhou para Ani de relance.

— Desculpa... por, hum, te ter tocado.

Ani revirou os olhos.

— És um doce.

— Desculpa, Gabriel. Não volta a acontecer. — O Canídeo montou a sua moto e partiu com um rugido que era mais gutural do que um motor de *Harley* a sério conseguiria imitar.

Por um segundo, o estábulo ficou totalmente em silêncio. Os corcéis ficaram silenciosos e imóveis.

³ Cria: em inglês *pup*. Trocadilho que tanto serve para definir a cria de um animal, principalmente um cão ou lobo, como um adolescente rebelde. (N. da T.)



— Minha cria perfeita. — Gabriel avançou e despenteou-a. — Ele não te merece. Nenhum deles merece.

Ani empurrou-o.

— Então, preferes que eu fique faminta por contacto?

Gabriel bufou.

— Não estás faminta.

— Estaria, se seguisse todas as tuas regras — resmungou.

— E eu não teria tantas regras, se achasse que as seguirias a todas.

— Deu um murro, do qual ela se desviou. Foi agradável, mas não foi sustentado pelo impacto total da sua força ou peso. Ele continha-se sempre. *Isso* era um insulto. Se ela fizesse realmente parte da Caça, ele lutaria com ela da mesma forma que lutava com todos os outros. Iria treiná-la. *Iria aceitar-me na matilha.*

— És um péssimo pai, Gabe. — Virou costas e precipitou-se pelo corredor abaixo.

Gabriel não conseguia saborear os sentimentos dela, não como a maior parte dos elementos da Corte das Trevas. Os Canídeos não se alimentavam das mesmas coisas, por isso as emoções dela estavam-lhes vedadas. A peculiaridade da incapacidade da Caça em saborear as emoções, enquanto todos em seu redor o conseguiam, tornava-os bastante diretos nas suas próprias expressões. Resultava bem: as fadas da Corte das Trevas alimentavam-se engolindo emoções obscuras; os Canídeos precisavam de contacto físico como sustento. Por isso, a Caça causava o medo e o terror que alimentavam a corte, e a corte proporcionava o contacto de que os Canídeos precisavam. Ani era anormal, dado que precisava das duas coisas.

O que é uma treta.

— Ani?

Ela não parou de caminhar. De forma alguma, iria deixá-lo ver as lágrimas que começavam a encher-lhe os olhos. *Apenas mais uma prova da minha fraqueza.* Fez um gesto por cima do ombro.

— Eu percebo, *papá*. Não sou bem-vinda.

— Ani.

As lágrimas escorreram-lhe para as faces, quando parou na entrada, mas não se voltou.

— Promete que segues as regras, enquanto estivermos fora, e provavelmente poderás levar mais uma vez o corcel da Che emprestado, esta noite. — A voz dele continha a esperança que ele não diria em voz alta. — *Se ela concordar.*

Ani, então, voltou-se e sorriu-lhe.



— Sim?

— Sim. — Gabriel não se mexeu, não comentou as lágrimas nas faces dela, mas a sua voz suavizou e ele acrescentou: — E *não* sou um pai horrível.

— Talvez.

— Só não quero pensar em ti a desejar... coisas... ou a magoares-te. — Gabriel dobrou o pano que o Canídeo deixara cair, olhando para ele em vez de olhar para a filha. — Mas o Irial diz que estás bem. Eu pergunto. Eu tento, a sério.

— Eu sei. — Ani sacudiu o cabelo para trás e esforçou-se por ser razoável. Às vezes, essa era a pior parte; ela realmente *sabia* que Gabriel se esforçava. Sabia que ele confiava no julgamento de Irial, que confiava em Chela, que confiava na sua matilha. Nunca tinha criado uma filha — estes últimos meses em que a tivera por perto eram a totalidade da sua experiência de pai e filha. Mas ela também nunca tinha tido apetites de matilha. Era uma nova experiência em geral.

Mais tarde, depois de ter garantido a autorização de Chela, ouviu as habituais regras de “fica-perto-do-Gabriel” e prometido manter-se junto à matilha, Ani estava de volta ao estábulo com o seu pai.

— Se o corcel da Che tiver algo a dizer, ele diz-me a mim, e eu digo-te. — A advertência de Gabriel de que ela não conseguia ouvir o corcel de Chela — *de que nunca irei ouvir nenhum* — foi feita com um ruído ameaçador na voz. Já estava a sentir a ligação intensificada com os Canídeos que enchiam os corredores.

Alguns, à distância, ergueu-se um uivo como se fosse o grito do vento. Ani sabia que apenas a Caça o ouvia, mas tanto os mortais como as fadas o *sentiam* nos arrepios que corriam a pele subitamente gelada. Para alguns, era como se houvesse sirenes a vir na sua direção, como se ambulâncias e carros da polícia acelerassem até eles, trazendo notícias de mortes repentinas ou acidentes horríveis.

A Caça Selvagem cavalga.

Enquanto Ani observava os Canídeos reunidos, o verde dos seus olhos e as nuvens do seu hálito tornaram-se nítidos. Os lobos encheram o estábulo onde não havia corcéis. Correriam por entre os cascos dos corcéis, uma confusão de pelo e dentes. Corcéis e lobos, todos esperavam pelo sinal do seu Gabriel para começar, para correr, para perseguir aqueles que fossem suficientemente estúpidos para atrair a sua atenção. O terror aumentou e encheu o ar com uma carga semelhante à que antecede uma tempestade. Aqueles que não pertenciam à Caça teriam dificuldade em



respirar. Os mortais nas ruas próximas iriam encolher-se, precipitar-se para os seus covis, ou virar para outros becos. Se ficassem, não veriam o verdadeiro rosto da Caça, mas arranjariam justificações — *terramoto? comboios? tempestades? lutas de rua?* — com a ignorância voluntariosa a que os mortais se agarravam tão ferozmente.

Não costumavam ficar; fugiam. Era a ordem natural das coisas: a presa foge e os predadores perseguem.

O seu pai, o seu Gabriel, caminhou a passos largos pelo estábulo, avaliando-os.

Ani sentiu o toque de dedos gelados na pele enquanto se preparavam para cavalgar. Mordeu o lábio para se impedir de pressionar o seu pai a fazer soar o sinal de chamada. Os nós dos dedos embranqueceram enquanto agarrava a borda da parede de madeira ao seu lado. Contemplou a beleza horrível deles e estremeceu.

Se fossem meus... eu pertenceria a algo.

Então, Gabriel estava ao lado dela.

— És a minha cria, Ani. — Gabriel pôs-lhe a mão gigantesca em concha sobre a face. — Para te merecer, qualquer Canídeo teria de estar disposto a enfrentar-me. Teria de ser suficientemente forte para os liderar.

— *Eu quero liderá-los* — sussurrou Ani. — Quero ser a Gabriela deles.

— És demasiado mortal para os controlar. — Os olhos de Gabriel eram monstruosos. A sua pele continha o toque do terror, da morte, de pesadelos Sem-Nome. — E demasiado minha para não estares com a Caça. Lamento.

Ela susteve-lhe o olhar. Algo de selvagem no seu interior compreendeu que esta era a razão porque não podia viver com Rabbit: o seu irmão não era tão feroz como o seu pai. Tish também não. Ani queria desesperadamente sê-lo. Como o resto dos Canídeos a montar os seus corcéis, Ani sabia que Gabriel era capaz de a matar, se ela desobedecesse. Era uma contenção de que ela precisava: fazia com que houvesse mais probabilidades de seguir as regras.

— Não posso roubar-te a Caça — mostrou os dentes ao pai — para já. Talvez te surpreenda.

— Fico orgulhoso por queres fazê-lo — disse Gabriel.

Por momentos, o orgulho nos olhos do pai foi o pico da sua felicidade. Estava integrada. Por esta noite, estava incluída na matilha. Gabriel fizera com que assim fosse.

Se ao menos estivesse sempre.

Mas não havia corcéis por reclamar e o seu sangue mortal signifi-



cava que nunca seria suficientemente forte para se tornar a sucessora de Gabriel, nunca seria realmente da Matilha.

Um sabor de pertença...

Não era o suficiente, não verdadeiramente, mas era alguma coisa.

Depois, um uivo como nenhum outro neste mundo, ou no próximo, ocorreu aos lábios de Gabriel, e o resto da matilha deu-lhe eco.


Ela deu-lhe eco.

Gabriel atirou-a para cima do corcel de Chela e rosnou:

— Cavalgemos.



CAPÍTULO 2

 **D**evlin entrou nos jardins privados da Rainha Suprema. O solo sob as sandálias murmurava quando os seus pés o tocavam. Às vezes, ponderava dizer a Sorcha que reparava nos alarmes quase impercetíveis que ela preparara. Salvo raras exceções, dedicara a eternidade a Sorcha, mas ela era uma criatura da lógica e da ordem. Ela sabia — assim como Bananach — que ele fizera a escolha de servir o Mundo das Fadas todos os dias, todas as horas, em todos os momentos. A única coisa que o impedia de escolher aliar-se à antítese de Sorcha era a sua própria força de vontade.

E o afeto.

Apesar da sua fidelidade à lógica, a Rainha Imutável preocupava-se com ele. Disso, ele tinha a certeza.

— Minha Rainha? — Caminhou na sua direção, esperando um segundo entre cada passo, para ver se ela deixaria que as vinhas se entrelaçassem no caminho ou se recriaria uma passagem para ele.

Sorcha olhou-o de relance, e a vegetação rasteira desapareceu num corredor estreito. Estenderam-se silvas a partir de plantas que normalmente não tinham espinhos, traçando-lhe dezenas de pequenos arra-



nhões nos braços e pés. Não era necessariamente um ataque consciente a Devlin: o mundo em seu redor obedecia à sua vontade, mas Sorcha há muito que deixara de se aperceber disso. Era como aperceber-se de que o seu coração batia. *Batia*, simplesmente, e se a sua vontade ferisse os outros, que assim fosse.

Não é pessoal.

— Não consigo vê-lo — sussurrou Sorcha. — Ele está lá fora, no mundo. E se estiver ferido? E se estiver em perigo?

— Saberias — assegurou-lhe Devlin, como fizera todos os dias, desde que Seth partira. — Saberias, se ele estivesse ferido.

— Como? Como poderia saber? Estou *cega*. — A Rainha da Ordem parecia tudo menos razoável. A sua saia tinha rasgões na bainha. O cabelo, geralmente tão vibrante como fogo líquido, estava pálido e emaranhado nas pontas. Desde que Seth, recentemente transformado numa fada, tinha voltado para o mundo mortal, Sorcha estava cada vez mais fora de si.

— Preciso de saber que ele está seguro. — Cruzou os braços sobre o peito. A voz tornou-se firme. — Eu vejo-a a *ela*, a Rainha do Verão, e ele não está com ela. Foi por isso que ele voltou. Por causa dela. Ela devia tratá-lo melhor.

À frente de Sorcha, surgiram figuras enevoadas. Algures no mundo mortal, as fadas não tinham consciência de que ela as observava. Nas brumas do jardim, Devlin estava de pé ao lado da sua rainha e observava as fadas que eram o foco da atenção de Sorcha. A não ser que os fios das fadas ou dos mortais se entrelaçassem demasiado perto do seu próprio fio, Sorcha conseguia ver as suas vidas.

A Rainha do Verão, Aislinn, estava em frente a uma fonte, a falar com uma das fadas aquáticas, Aobheall. Ao fundo, a terra florescia, embora o outono tivesse chegado. Na parcela de terra que os regentes do Verão tinham reclamado para si, o Inverno nunca mais voltaria a reinar. Havia arbustos a desabrocharem fora da época e as fadas dançavam sobre o solo verde. Aislinn ria-se, sentada na borda da fonte. Uma das mãos desenhava padrões na superfície da água e no seu rasto desabrochavam nenúfares.

Aobheall preguiçava na fonte como uma estátua grega seminua que ganhara vida. A água corria em torno dela numa pequena cascata.

— Acho que esse vestido é o mesmo que usaste apenas há algumas luas. Podíamos ir às compras, ou — Aobheall inclinou-se para a frente — mandar *fazer* um vestido para ti.

— Não sei. — A Rainha do Verão olhou para trás, onde vários mem-





bros da corte teciam flores em grinaldas. — É assim tão importante o que eu visto?

Aobheall franziu o sobrolho.

— *Devia* ser, Aislinn.

— Eu sei... e... escolher a felicidade, certo? — Um sorriso demasiado brilhante iluminou o rosto da Rainha do Verão. Aislinn reinara por pouco mais de um ano mortal, mas durante esse tempo tivera de lidar com os conflitos entre as cortes, o facto de ser esfaqueada, perder uma amiga para a Corte das Trevas e tentar compreender séculos de rivalidades, alianças e velhas iras. Um ímpeto irracional de lhe enviar bons conselheiros despontou em Devlin, mas este suprimiu-o: a Rainha do Verão não era a sua prioridade.

Sorcha espetou um dedo no quadro enevoado, criando ondas na imagem.

— Como pode ela estar feliz, se ele não está?

— Ela *escolhe* ir em busca da felicidade, para o bem da sua corte — referiu Devlin. — Não é o mesmo que a verdadeira felicidade. Não podes culpá-la por tentar manter a corte forte.

Evidentemente, Sorcha discordava: os espinhos continuaram a crescer, entretecendo-se como fios num tear, até formarem uma barreira intimidante entre Sorcha e Devlin.

— Conta-me, Irmão. — Tinha uma voz frágil, em nada semelhante à rainha confiante que fora desde o momento em que Devlin respirara pela primeira vez.

— O verão é feliz por natureza — lembrou Devlin, mas mesmo enquanto o dizia, observou a Rainha do Verão. Os seus olhos estavam ensombrados, como se não dormisse e os seus maneirismos estavam dessincronizados com a animação em redor. Aislinn estava a fazer o que Sorcha *devia* estar a fazer: lidar o melhor possível com quaisquer que fossem as aflições que a atormentavam. Claro que a diferença era que a Rainha Suprema não devia sequer perder-se em aflições. O fluxo emocional não era uma característica da Corte Suprema, era algo fora da ordem.

— Quero-o em casa — sussurrou Sorcha. — O mundo deles não é seguro. A Bananach está cada vez mais forte. As cortes estão em discórdia. Se houver uma verdadeira guerra lá, o mundo mortal vai sofrer. Lembras-te dos tempos em que ela foi forte, Irmão? Os mortais perecem tão facilmente. Ele não ficará fora do caminho dela... Deixou de ser mortal muito recentemente. Precisa de estar aqui, onde está seguro.

— Em breve. — Devlin não tentou atravessar os espinhos que agora



se contorciam em torno da sua rainha como um manto. Queria confortá-la, dizer-lhe que estava ali, mas tais exhibições de emoções impróprias sempre a tinham ofendido. Devlin passara uma vida a esconder as emoções que provavam que não pertencia realmente à Corte Suprema, que não era realmente dela, que não era digno de aconselhar a Rainha da Razão. O resto da corte podia não se aperceber de que ele estava repleto de emoções que não eram lógicas, mas ela sabia. Sempre soubera — e considerava-o detestável.

Sorcha observava as figuras translúcidas em silêncio. Nas imagens enevoadas, a Rainha do Verão assustou-se e olhou para cima. Sorriu, com um ar de esperança. O que quer ou quem quer que tivesse visto era invisível para eles e, num piscar de olhos, Aislinn desapareceu também.

— Ele está lá — murmurou Sorcha. — Com ela.

— Talvez. — Devlin suspeitava de que *era* Seth, mas havia outros cuja presença era invisível para Sorcha — alguns dos quais Devlin tinha mantido escondidos da Rainha Suprema.

— Achas que ele está bem? — Sorcha captou e susteve o olhar de Devlin. — E se ele precisar de falar ou... de materiais de arte... ou... de voltar para casa? Talvez ele queira voltar para casa. Talvez esteja infeliz. Como hei de saber?

— Vou visitá-lo novamente. — Devlin preferia trazer Seth de volta para o Mundo das Fadas, mas Sorcha dera-lhe uma escolha, e ele escolhera voltar para o mundo mortal, onde vivia a sua amada Rainha do Verão. Devlin tinha contestado. Matar Seth ou mantê-lo no Mundo das Fadas teria sido melhor para Sorcha — e, conseqüentemente, para todos eles.

— Talvez devesse ficar lá. — A voz da Rainha Suprema não se alterou significativamente ao dizê-lo, mas Devlin sentiu-se cada vez mais inquieto. Em toda a eternidade, Sorcha nunca o tinha enviado para fora para mais do que viagens curtas.

— Ficar lá? — Ultimamente, Devlin tinha viajado para o mundo mortal e de lá voltado com demasiada frequência e, visto que um dia no Mundo das Fadas correspondia a quase uma semana inteira no mundo mortal, a disparidade de tais viagens começava a desgastá-lo. As suas próprias emoções, mais facilmente controláveis quando ficava no Mundo das Fadas com a sua rainha, estavam a tornar-se cada vez mais presentes. O seu sono era agitado, deixando-o cansado — e propenso a emoções.

— Queres que *fique* no mundo *mortal*? — disse as palavras lentamente.

— Sim. Caso ele precise de ti. Eu estou... Eu preciso mais de ti lá do que cá. — Sorcha fitou-o, como se o desafiasse a questioná-la.



Ele queria fazê-lo: não era só a proteção de Seth que estava em causa, mas Devlin não sabia o que estava a esconder a sua rainha.

— Ele está com o Irial e o Niall, minha Rainha. Refugiado na segurança da Corte das Trevas, exceto quando está com a Rainha do Verão. Decerto...

— Recusas as minhas ordens? Decidiste finalmente desobedecer-me?

Devlin ajoelhou-se.

— Alguma vez recusei as tuas ordens?

— Já agiste sem ordens diretas; mas se recusaste? Não sei, Devlin. — Sorcha suspirou suavemente, um sussurro de ar que fez com que o jardim parecesse suste a respiração. — No entanto, podias fazê-lo. Sei disso.

— Não estou a recusar a tua ordem — disse. Não era realmente uma resposta. A verdade levá-los-ia a uma discussão que Devlin tinha evitado durante catorze anos mortais: significaria admitir que tinha desobedecido à sua ordem direta de matar uma criança semimortal.

Uma ofensa pela qual poderia ser executado, abandonado, expulso do Mundo das Fadas... e com razão. Um sentimento que Devlin reconheceu como culpa contorcia-se dentro de si. *Sou da Corte Suprema, estou às ordens da Sorcha. Nunca mais volto a desapontar a minha rainha,* repetia os seus lembretes diários em silêncio, para si mesmo. Em voz alta, acrescentou:

— Não estou a recusar, mas sou teu conselheiro, minha Rainha, e não recomendo deixar-te sozinha, quando pareces...

— Pareço o quê?

A posição de Devlin era de obediência, mas este captou e susteve o olhar da Rainha Suprema com uma ousadia que nenhum outro no Mundo das Fadas se atreveria.

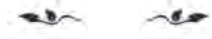
— Quando pareces estar a desenvolver *emoções*.

Sorcha ignorou a realidade das palavras dele e disse apenas:

— Diz-lhe que eu gostava que ele voltasse para casa. Vais ficar lá... enquanto ele precisar de ti.

— Estou às tuas ordens, minha Rainha.

— Estás? — Sorcha encostou-se ao véu de espinhos que tinham crescido à sua volta e, no momento em que as pontas recortadas a iam perfurar, desapareceram. Então, brotaram espinhos da terra em torno dos joelhos dele e dos pés dela. As vinhas treparam pelo corpo dela e rastejaram-lhe pelo braço, até aos dedos. Levantou a mão e cravou-a no queixo dele, de forma que as pontas afiadas os perfurassem a ambos. — És realmente meu, Irmão?



— Sou. — Devlin não se afastou.

— Vais vê-la. — O sangue de Sorcha pingou-lhe para a pele, misturando-se com o dele.

O corpo de Devlin absorveu o sangue que ela ofereceu. Tal como as gémeas que o tinham criado, precisava do alimento do sangue. Ao contrário delas, precisava tanto do sangue da Ordem como do da Discórdia.

— Irei ver a Bananach — admitiu Devlin, — mas ela não me dá ordens. Apenas tu. Sirvo a Rainha Imutável, a Corte Suprema, o *Mundo das Fadas*.

A vinha rastejou da carne dela para a dele, onde o alimento com que ela o preencheria estava à disposição dele.

— Por agora. — Sorcha passou-lhe a mão no rosto. — Mas nada dura para sempre. As coisas mudam. *Nós* mudamos.

Devlin não conseguiu falar. Esta era a atitude mais parecida com uma declaração de afeto que a sua mãe-irmã alguma vez lhe tinha demonstrado. Não sabia se devia ficar feliz ou alarmado. A Razão não devia agir assim, mas em algum recanto da sua mente, já se tinha perguntado se ela sentia emoções tempestuosas, se simplesmente as escondia melhor, se escolhera deixar que a lógica tomasse conta dela.

— Tudo muda com o tempo, Irmão — sussurrou Sorcha. — Vai ter com o Seth e... não confies na Guerra. Preferia que não te ferisses.

Devlin abriu a boca para a questionar, mas Sorcha virou costas, deixando-o em silêncio nos seus jardins.



CAPÍTULO 3

Ani tinha ido até à casa do Rei das Trevas sabendo que seria mais uma experiência dolorosa — *e não é uma dor divertida*. Irial segurou uma das mãos dela nas suas. Era uma espécie de conforto.

— Estás pronta?

— Toma. — Ani estendeu o seu outro braço para o antigo Rei das Trevas. Olhou fixamente para o papel de parede com flores-de-lis, para as velas tremeluzentes, para qualquer outra coisa que não fosse a fada sentada ao seu lado. — Tira *tudo*, se é disso que precisas.

— Tudo não, Ani. — Apertou-lhe a mão mais uma vez, antes de a soltar. — Se houvesse outra maneira...

— És o meu rei. Hei de dar-te o que quer que me peças. Fá-lo. — Observou enquanto ele lhe espetava um tubo fino na pele. As feridas dos últimos tubos decoravam-lhe a pele como chupões.

— Já não sou o teu rei. O Niall é o Rei das Trevas.

— Como queiras. — Ani não recomeçou a discussão que perdera demasiadas vezes: Irial podia já não ser rei, mas tinha a sua lealdade. Verdade seja dita, tinha a lealdade de muitos dos habitantes da Corte das Tre-



vas. Podia não os governar, mas ainda cuidava deles. Ainda lidava com aquelas questões que eram demasiado inquietantes para o novo Rei das Trevas. Irial mimava Niall.

Ani, contudo, não era protegida. *Já não*. Quando Irial descobriu que Ani podia — *que eu preciso* — alimentar-se tanto do toque como das emoções, começou a tentar descobrir uma forma de usar isso a favor da Corte das Trevas. De acordo com Irial, como *halfling*, ela não devia ter nenhum desses apetites. Certamente, não devia ter os dois; e, definitivamente, não devia conseguir alimentar-se de mortais. Irial acreditava que o sangue de Ani poderia ser a chave para fortalecer a sua corte, por isso ela tinha-se tornado na cobaia para as suas experiências.

E por mim, tudo bem. Pela minha corte. Pelo Irial.

— Mais? — perguntou Ani.

— Só um pouco. — Irial mordeu a rolha que selava o frasco seguinte e puxou-a. Falou com a rolha entre os dentes e acrescentou: — Vira para baixo.

Ani baixou o braço, apertando e soltando o punho para bombear o sangue mais depressa. Não tinha a certeza se ao fazê-lo realmente ajudava ao fluxo de sangue, mas dava-lhe a ilusão de estar a fazer *alguma coisa*. Tirar sangue não se tornara mais fácil, apesar do número de vezes que o fizera.

Com a mão livre, Ani tirou-lhe a rolha da boca.

— Já o tenho. Agarra o próximo.

Enquanto o frasco enchia, Irial pegou noutra vazio da prateleira e levou-o aos lábios. Assim que lhe tirou a rolha, trocou o frasco vazio pelo outro, agora cheio.

— Pegas neste?

Em silêncio, ela aceitou o recipiente de vidro com a mesma mão que segurava a rolha. Pousou-o ao lado dos outros frascos, todos fechados, todos preenchidos com o seu sangue. Depois, colocou a rolha na parte de cima do frasco, empurrando-a.

— É o último — murmurou Irial. — Estás a ir muito bem.

Ani fitou o espaço vazio na sexta prateleira; as outras estavam todas cheias de frascos com o seu sangue.

— Ótimo.

Irial passou-lhe o último tubo de sangue e beijou o sítio inflamado, de onde tinha extraído o espesso líquido. Nenhum dos dois falou enquanto ele tirava o último recipiente, o acomodava com os outros e levava tudo até à entrada, entregando-o a uma fada que Ani não viu.

As suas experiências eram um segredo de que nem Niall nem Ga-



briel sabiam, mas era uma da miríade de coisas que Ani faria se Irial lhe desse nem que fosse uma pista de desejar que ela o fizesse. *Não é tão doloroso como o que já fiz.* A pedido de Irial, Ani tinha deixado uma fada do povo dos cardos, de confiança, abraçá-la numa noite especialmente desagradável. O seu cabelo e pele foram recolhidos pelo toque dele. Se a corte em geral soubesse das experiências que Irial fazia com o seu sangue e carne, se soubessem porque o Rei das Trevas enviava amostras para serem testadas e, com esperança, copiadas, Ani ficaria em risco.

Assim como o Iri.

Poucas fadas sabiam das suas anormalidades — e ela estava grata por isso —, e embora Niall *soubesse* de facto que ela era diferente das outras fadas, não sabia das experiências. Achava que a sua capacidade de se alimentar das emoções tanto das fadas como dos mortais estava escondida de todos aqueles que poderiam matá-la, usá-la ou desafiá-la. Niall era um rei benevolente. Permitia que as suas fadas fizessem o que lhes fosse necessário, mas mantinha a corte sob rédea curta.

Numa época em que Bananach — a gralha-preta, a portadora da guerra — se tornava mais forte, era perigoso usar rédeas. As cortes das fadas, pelo menos aquelas que estavam do lado mortal do véu, estavam à beira da violência. O conflito crescente sustentava a Corte das Trevas, que se alimentava das emoções do caos, mas era também uma ameaça para aqueles que Ani estimava. Conflitos entre cortes, suspiros de mortes iminentes, tudo isso estava muito bem — até ao ponto em que a sua própria corte estava em risco.

E a Bananach não vai poupar a Corte das Trevas. Nem o mundo mortal, onde vive a minha família.

Irial agia como quando era rei: movia as peças nos bastidores, fazia acordos, contornava as regras. No entanto, desta vez, a segurança de Ani era uma das regras que ele estava a contornar.

Com o meu consentimento.

Quando Irial voltou a entrar na sala, ela observou-o com desconfiança. Apesar da sua adoração por ele, Ani sabia que Irial raramente se deixava influenciar pela fraqueza ou ternura. Não tinha mantido o trono da corte dos pesadelos durante séculos por ser facilmente manipulado.

— Sabes que não faria isto se houvesse melhores alternativas. — As suas palavras não eram falsas; mas também não eram totalmente verdadeiras. A não ser que houvesse uma alternativa evidente que assegurasse a segurança da sua corte, Irial faria isto — *e muito pior.*

Contudo, o antigo Rei das Trevas ainda considerava Ani uma criança, uma criança suficientemente tola para aceitar o engano das suas pala-



vas. Ani não era uma criança. *Tola talvez, mas não ingénua, não inocente, não facilmente enganada.*

Encostou-se à parede. A sala estava desfocada.

— Mantiveste-me segura durante toda a minha vida. Mantiveste a Tish em segurança... e o Rab... e... estamos bem. Está tudo bem.

O mundo à sua volta girou. A experiência dessa noite começara com Ani a sentir-se o mais faminta que conseguia antes do sangramento. Não era a experiência mais desagradável de todas, mas também não era agradável.

Irial aproximou-se do fogo para o alimentar — afastando-se de Ani e dando-lhe privacidade para se recompor — e perguntou-lhe:

— Estás bem?

— Claro. — Ani sentou-se, não se sentindo exatamente *bem*. Na maior parte dos dias, estava pouco menos que faminta. Durante os primeiros meses da sua fome, tinha consumido humanos e alguns *halflings*. Desde que passara a estar ao cuidado de Gabriel, estava limitada a ponto de a sua fome começar a causar-lhe dores físicas. Estava mal nutrida pelas emoções que Irial partilhava e pelo contacto escasso que Gabriel de má vontade a autorizava a perseguir na corte. Abraços e toques suaves não eram, de longe, o suficiente.

Irial passou uma mão distraidamente sobre o lado da lareira de mármore. Como tudo o resto em sua casa, era esculpida com um apreço pelas texturas. As margens afiadas e as curvas suaves chamaram a atenção de Ani, mas esta não se aproximou da lareira nem da fada à sua frente. Em vez disso, foi para uma das cadeiras de cabedal branco e passou um dedo sobre as flores-de-lis cinzentas, em relevo, que mal se viam nas paredes.

— Sei que isto é... difícil para ti, cria. — Irial manteve a distância, mas deixou-a saborear todas as suas emoções, alimentando-a para a compensar por aquilo que ela perdera.

Ani captou-lhe o olhar.

— Pedes desculpa ao Gabriel quando ele castiga fadas que têm de ser castigadas?

O jogo de luz das chamas e sombras fazia com que o antigo Rei das Trevas parecesse ameaçador, mas o seu temperamento não se abalou.

— Não.

— Então, para com isso. Farei o que for necessário pela minha corte. — Ani controlou o impulso de cruzar os braços, obrigou-se a manter-se calma, mesmo que Irial soubesse exatamente o quanto ela estava inquieta. As fadas da Corte das Trevas não conseguiam alimentar-se das emoções dos mortais, mas Ani não era totalmente mortal.



Se Irial não tivesse estado lá para a apoiar quando ela foi viver com os Canídeos, não estava certa do que teria feito. Irial ajudou-a a lidar com as suas mudanças, alimentou-a o suficiente para evitar a verdadeira fome. Na verdade, se não fosse ele, Ani poderia ter morrido há muito tempo. Irial tinha-a protegido — assim como a Tish e Rabbit — durante a quase totalidade das suas vidas. Ani deixou-o sentir o surto de gratidão e sus-surrou:

— Eu sirvo a vontade da Corte das Trevas. Sei que tens as tuas razões.

— Se conseguirmos arranjar uma forma de filtrar o teu sangue, a nossa corte será imparável; o Niall ficará seguro, e... — As suas palavras desvaneceram-se, mas a esperança era inegável. Ao contrário de muitas fadas, Irial estava à vontade com a ciência moderna. Se conseguissem identificar o componente anómalo que havia dentro de Ani, fazer réplicas e introduzi-lo nos outros, as fadas da Corte das Trevas conseguiriam alimentar-se tanto das emoções das fadas como das emoções dos mortais. Ficariam saciadas. Tinham tentado outro plano, ligando os mortais às fadas como condutas, através de tatuagens, mas essas tatuagens tinham apresentado complicações inesperadas.

— Certo. — Ani levantou-se. Já tinha ouvido as teorias de Irial; havia pouco que ele pudesse dizer que fosse novidade.

— Podes salvar-nos — disse Irial novamente.

Ani não estava certa de que as palavras dele fossem verdadeiras. As fadas não podiam mentir, mas a fé era uma coisa complicada. Se Irial acreditasse nas suas próprias palavras, poderia pronunciar-las, e ele acreditava realmente que o sangue de Ani era a solução de que precisavam para salvar a Corte das Trevas.

— Volto mais tarde. Dizes-me — cruzou os braços sobre o peito, como se isso parasse os tremores — quando precisares de mim?

— A tua corte precisa de ti todos os dias, Ani. Mais ninguém consegue alimentar-se tanto do toque como das emoções; mais ninguém consegue alimentar-se tanto das fadas como dos mortais. Tu és a chave. — Irial abraçou-a e beijou-a no topo da cabeça. Não era muito, mas pequenos toques de uma fada tão forte alimentavam a fome de contacto de Ani mais do que a alimentariam muitos toques de uma fada fraca ou de um mortal.

Ani ficou quieta, grata até pelo contacto mais escasso.

Irial acariciou-lhe o cabelo.

— Deixas-me manter as minhas promessas de acabar com as tatuagens, de proteger o meu rei... Precisamos *mesmo* de ti, cria.



Ani olhou para cima, na direção dele.

— Desde que o Gabriel e o Niall não descubram, não é?

— Por agora. — Irial afastou-se, ainda com as mãos nos ombros dela, e depois descruzou-lhe os braços e pegou-lhe nas mãos enquanto repetia as mesmas garantias que lhe dera nos últimos meses. — Só por agora. Assim que descobrirmos o que há no teu sangue, irão compreender porque fizemos isto.

Ani assentiu com a cabeça.

Irial levou-a até à porta.


— Precisas de mais alguma coisa?

Todo o tipo de coisas que ninguém me vai dar.


Ani nada disse. Em vez disso, abraçou-o, sabendo, devido a outras rejeições, que esta oferta não incluía as outras coisas de que ela precisava. Irial — apesar do seu amor à corte e ao rei, apesar da sua proteção à sua família e àqueles que amava — não queria ouvir aquilo de que ela realmente precisava. Não partilharia a sua cama com ela nem forçaria o seu pai a deixá-la correr livremente com os Canídeos.

— Tenho de ir — murmurou Ani, e depois voltou-lhe as costas antes de ceder à tentação de implorar. Irial dera-lhe o suficiente para que não ficasse faminta, mas o antigo Rei das Trevas não a ajudaria a saciar totalmente os seus apetites. Teria de encontrar alguns petiscos aqui e ali para acalmar a consumição dentro de si.

Outra vez.



CAPÍTULO 4

 Rae entrou na imagem de uma pequena cozinha. Ani estava na entrada, encostada à ombreira da porta. Uma memória desenrolava-se na sala ao lado. O quadro passava-se numa época diferente daquela em que Rae vivera. Mas era familiar: era uma memória que Ani repetia constantemente nos seus sonhos. Por isso, Rae esperou que a memória seguisse o seu curso.

— Falas-me dela? — perguntou Ani à sua irmã.

— De quem? — Tish fez uma pausa na matemática, segurando o lápis no ar.

— Tu sabes. Dela. — Ani fazia a roda no sofá. Até Rabbit chegar da loja e lembrar-lhe que não o podia fazer, ela fazia a roda e piruetas na sua pequena sala de estar.

— Tinha seis anos. Como hei de saber? — Tish revirou os olhos. — Lembro-me que ela era simpática. Lia livros. Havia um cobertor que o pai lhe deu. O cabelo dela era castanho-claro como o teu.

— O pai visitava-a?



— *Hum-hum.* — Tish já tinha acabado de falar. Estava repleta de uma tristeza que tentava esconder. — *Vai ler ou assim, Ani.*

O lápis de Tish fazia ruídos ásperos no papel, como os ruídos que as baratas faziam, quando todas as patas raspavam no chão ou nas paredes. Era uma das muitas razões pelas quais Ani detestava os trabalhos da escola. No entanto, Tish nunca reparara no quanto o seu lápis era ruidoso. Os seus ouvidos não funcionavam bem.

Ani deu meia-volta e surripou-lhe o lápis.

— *É a tua vez.*

— *Devolve-mo.*

— *Claro... se me apanhares.*

Tish olhou para o relógio, apenas um vislumbre. Depois, bufou.

— *Como se alguma vez corresses mais do que eu.*

E Ani desatou a correr, mas não tão depressa como podia porque isso deixaria Tish triste, e entristecê-la era algo que Ani nunca fazia de propósito.

O facto de Ani pensar em Tish de forma tão protetora não era invulgar, mas cada vez mais frequentemente, as memórias das diferenças, da consciência das disparidades entre as irmãs, tinham-se tornado fulcrais nos sonhos de Ani.

— *Ela está bem? A tua irmã?* — perguntou Rae, desviando a atenção de Ani da memória.

Ani voltou-se para encarar Rae.

— *Sim, a Tish está bem. Tenho saudades dela.*

— *E tu? Tu estás bem?* — Rae materializou um sofá que era evocativo de um da sua própria sala de estar que há muito não existia.

Ani sentou-se no braço do sofá, equilibrando-se sem esforço. Mesmo nos sonhos, Ani tinha uma graça animal inata.

— *Estou praticamente bem.* — O olhar de Ani desviou-se rapidamente de Rae.

As suas palavras não eram falsas; se fossem, a Canídea não conseguiria pronunciá-las. *Mesmo aqui.* Estavam juntas num sonho, mas visto que Rae era uma caminhante dos sonhos, também isto era uma espécie de realidade. *E algumas regras, as regras das fadas, são inevitáveis em todas as realidades.*

— *Praticamente bem?* — Rae visualizou uma bela chávena de chá e uma travessa de sanduíches em miniatura, pastéis e outros petiscos sortidos. Nos sonhos, conseguia ajustar o mundo à sua volta, por isso os petiscos imaginados apareciam tão depressa como pensava neles. — *Um scone?*



Distraidamente, Ani pegou num.

— É estranho sonhar que estou a comer.

— Precisavas de conforto, por isso sonhaste com comida — disse Rae. Ao contrário das fadas, Rae *podia* mentir conforme desejasse. — Estavas tensa por pensar na tua irmã. Faz sentido.

A Canídea deslizou do braço do sofá para o assento.

— Acho que sim.

Enquanto Ani estava sentada em silêncio a comer, Rae apreciava a aparente normalidade. Se Ani se apercebesse de que Rae não era fruto da sua imaginação, deixariam de falar, mas Rae já a visitava em sonhos desde que Ani era criança. Ani racionalizava a presença de Rae.

— Acho que me sinto só. — Ani puxou os joelhos até ao peito, abraçando-os. — Além disso, estar separada da Tish é... *errado*. E se ela precisar de mim? E se...

— Ela está sozinha?

— Não, mas mesmo assim... — A voz de Ani desvaneceu-se à medida que se formavam imagens distorcidas dos seus medos em redor de ambas.

Uma fada sem rosto tentou alcançar Tish.

Mãos cobertas de sangue balançavam na direção de Rabbit.

A mãe de Ani, Jillian, jazia morta do lado de fora de um armário.

Ani estava encurralada atrás de uma barreira demasiado pequena, enquanto uma fada sem rosto a tentava alcançar.

Ao contrário do chá e da comida, estas coisas não tinham sido criadas por Rae. Eram os horrores das fantasias de Ani. Aqui, onde se sentia segura, visualizava uma mistura de memórias e medos. Rae conseguia alterar a realidade, mas a mente do sonhador também tinha influência.

— Estas memórias não são reais — lembrou Rae. — *Não* foi isto que aconteceu. Nem sequer sabes...

— Ela estava lá e de repente desapareceu. — Ani lançou um olhar fulminante a Rae. — *Havia* um monstro. Tinha de haver. Ele levou-a e... fez-lhe alguma coisa. Feriu-a. Matou-a. *De certeza* que o fez. Se ela estivesse viva, teria voltado para casa. Não nos teria abandonado. Ela *amava-nos*.

— És uma criatura que suscita o medo nos outros, não uma que deva viver com ele. — Rae concentrou-se em recriar a paisagem à sua volta. Retirou a fada sem rosto, a mãe falecida e as raparigas que estremeciam. Apagou tudo e, com isso — esperava ela —, também o medo de Ani. — Fala-me da tua corte. Pensa nisso. Diz-me como vão as coisas com a Caça.



— Voltei a cavalgar. Os lobos estavam aos nossos pés; os corcéis eram como sombras... É perfeito quando acontece. Quero que seja sempre assim... Quero um corcel; quero ser mais forte; quero... oh... Quero tudo. — Os olhos de Ani brilharam com o estranho verde das feras da Caça. Apesar da sua ascendência mista, o seu lugar era entre as fadas; isso tornara-se evidente para Rae desde que conhecera a rapariga.

Ani não tinha consciência dos votos que tinham sido feitos e quebrados para que ela pudesse viver. Rae tinha. Recordava-o de cada vez que Devlin recusava falar da Canídea, de cada vez que recusava ir ver como ela estaria. Ani tinha sido poupada. Estava a chegar o momento em que teriam de lidar com as consequências inevitáveis.

Rae estendeu a mão e apertou a de Ani. Na paisagem onírica em que caminhava, Rae conseguia fazê-lo, tocar noutra corpo.

— És demasiado impaciente.

Ani apontou para si mesma.

— Canídea. Estás à espera de quê?

— Exatamente o que tu és — disse Rae.

Ani embrenhou-se na paisagem onírica. Para ela, este era apenas outro sonho em que a sua mente lidava com os medos e as preocupações. E nesse momento, Ani não queria lidar com eles — por isso afastou-se.

Rae seguiu-a para o que era agora uma vasta floresta ensombrada.

O tempo escasseava, e nem Devlin nem Ani estavam mais próximos de descobrir os seus devidos lugares. *E eu não posso contar-lhes sem desfazer tudo.*

Das profundezas da floresta, ergueram-se canções de lobos. Abriu-se um espaço entre as árvores e, ao mesmo tempo que caminhava, Rae conseguia ouvir o som abafado das suas patas no trilho coberto de agulhas de pinheiro. Estremecia à medida que os lobos se aproximavam. A seu lado, Ani suspirava: para ela, os lobos eram reconfortantes.

Ani voltou-se para encarar Rae e disse abruptamente:

— *Tu* achas que o monstro era a Corte Suprema? Eles detestam a minha corte. Raptam *halflings*. São monstros.

— Os monstros são chamados assim por aqueles que lhes dão o nome. — Rae ficou tensa quando um brilho verde sulfuroso iluminou os olhos de todos os lobos na floresta. — Os mortais escrevem histórias acerca da beleza do Mundo das Fadas, das delicadas criaturas feéricas de outras cortes, e as criaturas da *tua* corte são os demónios.

— Ele não era da *minha* corte. Isso é certo. — Ani agachou-se no caminho e os lobos começaram a sair dos bosques. Os seus focinhos ba-



tiam contra Ani e Rae. Flancos peludos roçaram-se nelas. Os uivos tornaram-se numa cacofonia.

Ani abriu os braços para os lobos. As criaturas começaram a rodeá-las numa névoa de dentes brancos e olhos verdes, pelo almiscarado e gargantas a rosnar. Corriam cada vez mais depressa, empurrando Ani.

Rae visualizou-se fora do círculo, a uma distância alargada, ao cimo do caminho.

Um por um, cada lobo mergulhou no centro de Ani e ali desapareceu. Faziam parte dela, a parte que iria acordar e mudar o mundo.

Se. Essa era a pior parte de saber: a consciência de que o futuro que Rae desejava tão desesperadamente era apenas um «se». Não sabia quais eram as outras possibilidades, mas sabia que o futuro que tinha vislumbrado era um futuro que ela desejava, um em que teria autonomia pela primeira vez. *Por favor, Ani.*

— Espero que consigas perdoá-lo — sussurrou Rae. — Ele não é um monstro. Nem tu.

E depois, desapareceu da mente de Ani.

Depois de estar na floresta do sonho, a sua gruta parecia-lhe ainda mais restritiva. Rae caminhava por todo o perímetro, contando os passos, como se ao murmurar os números, o espaço pequeno parecesse, de alguma forma, maior. Não resultou.

O escuro, a hora dos sonhos, era para Rae o seu devido lugar, mas nas últimas semanas Sorcha insistira que houvesse apenas algumas horas de escuridão no Mundo das Fadas. A Lua não passava pelas fases normais; em vez disso, ficava quase sempre cheia no céu, lançando uma luz prateada sobre eles como se estivessem presos num dia eterno. E, sem o escuro, Rae estava presa, encurralada na pequena gruta que era a sua prisão.

— Rae? — Devlin estava à entrada da gruta. A luz do exterior brilhava em seu redor, iluminando-o e aumentando a sua aparência de outro mundo. O cabelo branco e grosseiro, sem nada que o prendesse, atenuava um pouco a dureza dos traços, mas não tanto que os ângulos agudos das suas faces parecessem humanos.

— Estás aqui. — Rae mudou a sua vestimenta para combinar com o traje mais formal de Devlin. O vestido era rosa-claro com uma bainha que varria o chão e, embora a cintura fosse estreita, o espartilho era discreto. O cabelo que quase chegava ao chão estava apanhado em cima, com ganchos banhados a ouro. O único ornamento além dos ganchos era uma faixa negra à volta do pescoço que segurava um camafeu. Se Devlin olhasse de perto, veria que a imagem no marfim era a sua.



O conjunto austero da sua boca suavizou-se.

— Não precisas de te mudar por mim.

— Eu sei — mentiu Rae. Precisava *mesmo* de se mudar, se isso lhe trouxesse o sorriso que procurava. A tensão de Devlin era suficientemente pesada para os seus ombros direitos ficarem rígidos por causa dela.

— Tenho de ir novamente ao reino mortal.

Rae parou.

— Outra vez?

Devlin embrenhou-se nas sombras da gruta.

— Não estou certo de quanto tempo estarei ausente, desta vez.

— Há algo de errado com a Rainha Suprema. Ela quase não baixa a luz. — Rae não conseguia ver para além da fenda por onde Devlin entrara. A claridade que passava através da pequena fissura feria-a. Encará-la totalmente cegaria Rae.

— A luz acalma-a; a escuridão lembra-lhe a sua irmã gémea. — Devlin estava agora fora da luz, reconfortante na sua presença como nenhum outro alguma vez tinha sido. O mercenário da Corte Suprema era seu amigo, seu companheiro, o seu único consolo num mundo que — mesmo após décadas — continuava a parecer-lhe fazer pouco sentido. Rae encostou-se a uma pedra lisa num dos lados da gruta.

— Eu podia ir contigo.

Devlin manteve a distância.

— E se fosses arrastada de volta para o teu corpo, por estares no mundo mortal?

— Se fosse arrastada para o meu corpo, o que acho que não seria, suspeito que morreria. — Aproximou-se um pouco mais de Devlin.

Devlin não se afastou.

— Algo que eu não quero.

Por momentos, ficaram em silêncio. Rae detestava ficar sozinha no Mundo das Fadas; temia a Rainha Suprema, preocupava-se com Devlin e desejava poder ir para o mundo mortal.

Com uma ponderação cuidadosa, Rae voltou a aproximar-se dele. Se fosse sólida, a sua saia estaria em cima dos pés dele.

— Vais ver como ela está? A Ani é importante. Por uma vez, vai procurá-la.

— Não faças isto. — A voz de Devlin continha a agressividade que sempre tivera, quando Rae abordava assuntos proibidos.

— Estás a cometer um erro — sussurrou Rae. — Salvaste-a. Devias...

— Para. — Devlin voltou-lhe as costas e afastou-se, retirando-se



quase para a luz do Sol à entrada da gruta. — Fiz o que desejaste. Ela está viva. Nada mais me é exigido.

Rae levantou uma mão, mas não o seguiu. Não faria diferença: não podia tocar-lhe, não podia forçá-lo a encará-la. Sem a sua ajuda, não possuía qualquer substância física.

Sem ele, nada tenho.

— Posso ir dar um passeio? Antes de partires? — Rae tentou que o seu convite parecesse casual. Era uma das coisas de que se apercebera logo de início: não podia agir como se as coisas fossem importantes.

Para nenhum de nós.

Ele voltou-se. Um vislumbre de alívio, tão breve que mal ficou registado antes de desaparecer, passou pelo rosto impassível de Devlin.

— Se isso te acalmasse...

— Iria acalmar-me — assegurou-lhe Rae. Não deu voz ao facto de que iria acalmar *ambos*. Devlin não teria ficado tão pensativo se não procurasse aquela pausa. Precisava de uma desculpa e precisava de um convite. A não ser que fosse por manobras políticas, devido à capacidade de mentir, Devlin nunca admitia querer o descanso que a possessão de Rae lhes permitia. Deixá-la aproximar-se de si, deixá-la possuí-lo, libertava-o das regras sufocantes do Mundo das Fadas. Dava-lhe uma desculpa para apreciar a herança da sua *outra* irmã, sem consequências.

— Está bem. — Devlin ficou quieto, imóvel como apenas uma fada conseguia ficar.

Rae atravessou a gruta como se conseguisse tocar no chão de pedra. Mediu cada passo como fizera antes para se acalmar, contando-os, como se estivesse num dos bailes em que participara há muito tempo, quando ainda tinha um corpo. As suas saias balançavam, e a ilusão fazia sentir-se mais próxima de ser tangível.

Os lábios de Devlin afastaram-se o suficiente para que um suspiro pudesse escapar, enquanto Rae estava cara a cara com ele. O seu corpo ficou tenso por antecipação. As pupilas dilataram, na corrente de adrenalina libertada pelo medo e entusiasmo.

Rae deslizou para dentro do corpo de Devlin, empurrando-o para os recantos da sua mente e dando vida ao corpo, como se fosse seu. Ela conseguia senti-lo, falar com ele dentro do corpo deles, mas ele não controlava os movimentos. *Agora não*. Depois de ter estado tantas vezes dentro de Devlin, o seu corpo parecia-lhe tão familiar como outrora fora o dela. *Talvez mais*.

Não lhe perguntou onde ele queria ir. Se perguntasse, ele fingiria não ter qualquer interesse no que ela fazia com o seu corpo, mas ela sentia-o,



a observar e a aguentar as emoções que ambos sentiam durante a sua ocupação partilhada. Era a única altura no Mundo das Fadas em que ele podia deleitar-se com paixões — porque não era ele que escolhia ceder.

— No mundo mortal, não és tão cauteloso — sussurrou. — Conheço os teus segredos, Devlin. Vi as memórias. As indulgências...

O que faço lá não tem consequências, resmungou Devlin. *Antes de mais, ajo conforme as ordens da minha rainha. Sirvo a minha...*

— Não estou a criticar. Acho que *devias* obter prazer por ti próprio. — Rae espreguiçou-se, saboreando o peso de usar novamente ossos e músculos. Estendeu as mãos e tocou nas pedras que se amontoavam de forma irregular na gruta. Estava dentro do lado de uma montanha; não era visível para a Rainha Suprema, ou talvez simplesmente não fosse merecedor da sua atenção. Devlin fizera a gruta onde Rae se escondia. Tal como a rainha, conseguia distorcer a realidade no Mundo das Fadas se quisesse, mas ninguém — exceto Rae — sabia que ele conseguia recriar o mundo conforme desejasse. Por respeito à sua rainha, Devlin escondera essa verdade de todos.

— Oh, as coisas que podíamos fazer, se não fosses tão obstinado, Dev — disse Rae. — O mundo podia ser nosso. Sem limites. Pensa na liberdade, nos prazeres...

Não vou passar o dia todo assim, Rae, disse Devlin. *Nem a discutir isso outra vez.*


— Só porque sabes que tenho razão, e terás de o admitir ou mentir-me... coisa que não podes fazer.

Rae sorriu e chutou as sandálias que Devlin usara. Eram demasiado utilitárias, demasiado restritivas. De pés descalços, Rae saiu da gruta para a claridade do Mundo das Fadas. Parecia-lhe deliciosamente escandaloso ter os pés nus. Tal coisa teria chocado todos os que conhecera no mundo mortal.


Sirvo a Rainha Suprema. Foi a escolha que fiz, repetiu Devlin, como sempre.

— Algumas escolhas podem ser armadilhas. Achas sinceramente que manter o mesmo rumo só porque outrora o achaste correto é sensato? Há outras escolhas.

Chega, Rae. Devlin levantou a voz dentro do corpo deles. *Podemos não... discutir? Leva o corpo para onde quiseres, Rae*. Devlin soou tão desgastado como esperançoso. Rae ouviu a esperança na sua voz. Era um pequeno progresso, mas era um progresso.



CAPÍTULO 5

 Ani e Tish precipitaram-se pela rua abaixo, na direção do Crow's Nest. Não era propriamente correr, mas era de longe mais rápido do que andar. Ani teve de se controlar, obrigar os seus pés a moverem-se mais devagar para se manter ao lado de Tish. Não costumava ser assim, mas ao longo do último ano, Ani mudara cada vez mais todos os meses. Tish não mudara.

Ani sempre fora um pouco diferente, mas não o suficiente para fazer diferença. Fazia apenas parte de Ani-e-Tish, as «Gêmeas Problemáticas» — embora Tish fosse na realidade quase três anos mais velha. Custava-lhes estar separadas, por isso Tish ficou em casa mais alguns anos, antes de começar a escola. Ajudava Ani com as coisas dos livros e a seguir as regras dos mortais, e Ani mantinha-a segura contra os perigos e o tédio. Era assim que funcionava. E funcionava *mesmo* — até Ani ter mudado demasiado.

— Ani? — A voz de Tish estava sem fôlego. — Mais devagar?

— Desculpa. — Ani abrandou, olhando em frente para o aglomerado de pessoas à porta do Crow's Nest. Mortais. Quase todos os presentes eram mortais, mas isso não a incomodava. Todas as fadas deliciosas te-



miam Gabriel e Irial, mas os mortais não conheciam a Corte das Trevas. A maior parte nem tinha conhecimento da existência de fadas — o que os tornava o melhor brinquedo da cidade.

— ... o Rabbit está preocupado com dinheiro. — Tish tinha a respiração pesada, apesar de Ani ter abrandado ainda mais.

— Dinheiro?

— As coisas estão apertadas, mas ele continua a falar como se eu devesse — Tish lançou um olhar suplicante a Ani — ir para a faculdade no ano que vem. Não é ir para longe nem nada disso, mas simplesmente... ir *embora*.

Ani manteve o rosto tão inexpressivo quanto pôde.

— Ah... então queres... quero dizer... se é isso que queres, ótimo.

— Quero, mas não gosto de estar longe de ti, nem do Rab, nem do Iri, nem do pai, especialmente nos últimos tempos. Detestava quando o inverno era constante, mas ao menos nessa altura sabíamos o que esperar. Com as cortes todas a discutir umas com as outras... não estou certa de querer estar longe. — Tish olhou para baixo brevemente, não dizendo as coisas que ambas não podiam dizer, não admitindo que era demasiado fraca para se defender.

Ani abrandou para um passeio casual. O facto de Tish estar fora do seu alcance assustava-a, mas o facto de a irmã estar longe do conflito crescente em Huntsdale era apelativo. Ani não deu voz a essa ideia. Ninguém — muito menos Ani — iria deixar que Tish fosse para um lugar onde não estivesse protegida.

— Eu podia ir contigo — sugeriu Ani. — Não para a *escola*, mas podia arranjar um emprego ou assim. Podemos arranjar um apartamento. Oooh, talvez em Pittsburgh, perto da Leslie? Ou em Atlanta? Conseguias passar completamente despercebida lá, se quisesses.

— *Tu* não conseguias — disse Tish suavemente. — Já não.

— Seja. — Ani não queria falar sobre *isso*. Não conseguia fazer-se passar por uma mortal: qualquer fada que a visse saberia, mas estava também sob a proteção das fadas mais fortes da Corte das Trevas. Fora de Huntsdale, ficaria vulnerável.

— Talvez daqui a uns anos, eu possa ir. — Tish abraçou-a. — Vais tornar-te melhor, sendo aquilo que és, Ani. Sei que vais. Vai tornar-se mais fácil.

— Vamos fazer o que for melhor para ti. — Ani fez um sorriso forçado.

Era uma questão de tempo até acabarem por se separar. Os *halflings* eram, por vezes, fortes, mas os *halflings* fortes da Corte das Trevas eram



frequentemente alvo de fadas solitárias, ou raptados pela Corte Suprema. *Não somos fortes o suficiente para fazer realmente parte da Corte das Trevas, mas somos demasiado ameaçadores para viver fora dela.* A proteção de Irial mantivera-as seguras — e bem escondidas — durante quase toda a sua vida. Depois, Ani mudou e teve de se afastar da família. Rabbit e Tish não eram suficientemente feéricos para precisarem de estar dentro da corte, e Ani era demasiado feérica para viver fora dela. Rabbit conseguia passar por humano, Tish também; e agora que Ani vivia com os Canídeos, Rabbit podia mudar-se para qualquer lado longe de Huntsdale. *Por isso, a Tish está segura.*

Ani não era dada aos estudos, mas compreendia algumas coisas que não tinha compreendido quando eram crias: Tish era quase mortal e Rabbit soubera o quanto as duas raparigas eram diferentes uma da outra muito antes de elas o saberem. Não falava sobre essas coisas e Ani não fazia nada que demonstrasse o quanto era diferente de Tish. Manteve esse facto tão secreto quanto pôde, enquanto pôde. A vida girava em torno de segredos e fingimento. Fora assim desde que Jillian faleceu.

Jillian não era sequer um rosto nas memórias de Ani; era mãos e palavras demasiado rápidas a tentar fazer com que Ani-e-Tish — os seus nomes eram já uma palavra só nessa altura — se escondessem e «fiquem quietas, por favor; quietas como se fossem coelhinhos. Pela mamã?»

E depois, quando ficaram apenas Ani e Tish, quando Jillian não voltou mais para abrir o armário onde as meninas ficaram quietas à espera, Ani lembrava-se dessa parte também. Tish estava triste, ferida algures no seu interior, onde Ani não a podia curar. No entanto, Tish fingiu por Ani. Tish abraçou Ani e, mais tarde nessa noite, premiu as teclas que tinham no telefone para o «número especial para apuros». Foi quando Irial chegou e as levou até Rabbit; foi quando Irial as pôs em segurança numa nova casa.

Tish não se lembrava desse dia. Apagara-o da sua memória, bloqueara-o algures. O *antes* e o *depois* eram aquilo que Tish recordava: Irial, Rabbit e uma nova casa. Tish nunca se lembrava das outras partes.

Ani lembrava-se.

Lembrar-se do facto de Jillian não voltar fazia com que Ani se sentisse ferida por dentro. O dia em que Jillian partira e Tish ficara triste era a primeira memória completa que Ani possuía. A vida, como a recordava, começou para ela nesse momento.

— Ei, estás bem? — Tish agarrou a mão de Ani e puxou-a para o lado de um grupo de rapazes que iam para o bar. — Não estavas a ouvir nada do que eu disse, pois não?



— Desculpa, mana. — Ani exibiu um sorriso falso. — Toda esta parvoíce do Gabr...

— O pai — corrigiu Tish.

— Do *Gabriel* não me deixar descontrair com nenhum dos Canídeos deixou-me mesmo chateada. — Ani começara a achar cada vez mais impossível mentir à medida que crescia, mas apercebera-se da importância do engano havia anos. Estava aborrecida com Gabriel. Poderia não ser isso que tinha acabado de pensar, mas era uma afirmação verdadeira.

— Ele é boa pessoa. Dá-lhe uma oportunidade.

— Nunca foi um pai, não como o Rabbit. — Ani não queria admitir que estar na Corte das Trevas não era tudo com que sonhara, nem mesmo a Tish. O facto de estar rodeada pelos Canídeos e pela Corte das Trevas deveria fazer com que não se sentisse tão sozinha, mas acontecera exatamente o oposto. — Não é que eu seja uma cria. E o facto de ele não nos deixar viver juntas, afastando-me de ti e do Rab, não ajuda nada.

— Também tenho saudades tuas — Tish sempre deu voz às coisas com que Ani não conseguia lidar ou sequer admitir que tinha de lidar.

Ani encostou o ombro à parede, apreciando a sensação das arestas ásperas de tijolo contra as suas costas nuas. Isso prendia-a ao *presente* — que era onde precisava de estar, não a insistir em memórias que mais valia estarem guardadas.

— Estás a aguentar-te? — Tish fez um gesto vago. Nunca tinham falado realmente acerca da forma como Ani ansiava por contacto — ou das consequências de obter contacto em demasia.

— Claro. — Ani observou um grupo de rapazes a encaminharem-se para a porta. Não eram belos como fadas nem eram festins de emoções, mas estavam à *caça*. Para ela, nesse preciso momento, isso era suficiente. *Tem de ser*. Podia saborear um pouco de cada um deles, um toque aqui e uma emoção ali, para manter os apetites sob controlo.

Mas os dois, não. Nunca ambos da mesma pessoa.

Enganchou o braço no de Tish.

— Anda.

Glenn estava a trabalhar à porta. Encolheu-se quando elas se aproximaram.

— E esta que parecia ser uma noite tão boa.

— Parvo. — Tish aninhou-se nos seus braços abertos. — Ias sentir a minha falta, se eu não aparecesse.

— Claro, mas quando tens a tua parceira do caos... — Passou um braço à volta da cintura de Tish com à-vontade e sentou-a no seu colo.

Ani inclinou a cabeça, inquisitiva. *Esta é nova*. E Ani não se tinha



apercebido porque o facto de viver com os Canídeos significava ver a sua irmã apenas uma vez, semana sim, semana não.

Tish sorria alegremente enquanto Glenn a abraçava.

— Olá. — Glenn beijou a testa de Tish e depois o seu olhar percorreu as pessoas e as sombras no lote. Não se envolvia nos negócios que as pessoas ocultavam, fossem quais fossem, mas negociar lá dentro era proibido.

— Não vais dar um abraço ao Glenn? — Tish agia como se fosse tímida e tola, entrando no seu papel tão facilmente como se as suas saídas ainda fossem algo diário. — Já lá vão, tipo, semanas.

— Ouviste-a. Anda cá. — Glenn estendeu o outro braço.

Ani encostou-se a ele, apreciando a sensação de um braço nu e um tronco seminu. Glenn tinha uma camisa sem mangas vestida, apertada com apenas um botão. Acolhera o regresso surpreendente do verão como a maioria dos mortais — expondo uma bela quantidade de pele.

Glenn soltou Ani, mas continuou a agarrar Tish.

— Tenham cuidado lá dentro. As duas. — Fitou Ani. — Falo a sério. Tish beijou-o.

— Vamos dar o nosso melhor.

— É isso que me preocupa — resmungou Glenn.

— Só a dançar, Glenn. — Ani agarrou a mão da irmã e empurrou a porta. — Prometo que ela fica bem.

— Tu também — disse Glenn.


Mas a porta estava aberta e a multidão de corpos estava mesmo ali, e tudo o que Ani conseguiu fazer foi gritar para trás:

— Claro.

A banda era de *punk old-school* e havia uma roda de moche. *Perfeito*. Com um gritinho alegre, Tish empurrou Ani para dentro da turba.




CAPÍTULO 6

 Devlin procurou por Seth à medida que atravessava o aglomerado de mortais no Crow's Nest. Era menos complicado esperar por ele ali; a alternativa era ir à Corte das Trevas, e lidar com o Rei das Trevas poderia ser uma tarefa repleta de dificuldades. Niall, o *Gancanagh* que outrora vivera no Mundo das Fadas e agora regia a Corte das Trevas, mudara. Os seus anos passados com Irial, os seus séculos de aconselhamento ao Rei do Verão e a sua recente ascensão ao trono da Corte das Trevas, tudo se combinou para criar uma fada monarca que não era de confiança.

Não é que o Seth seja de confiança, também.

Seth era amado pela Rainha do Verão, tinha sido dotado da Visão pela Rainha do Inverno, e tinha sido declarado “Irmão” do Rei das Trevas. Em vez de anular a ameaça de um mortal que caminhava por todas as cortes — como Sorcha deveria ter feito —, a Rainha Suprema tinha transformado Seth numa fada e tinha-o convidado para a sua corte. Devlin não conseguia deixar de questionar a lógica de algumas das decisões que ela tomava ultimamente.

Os mortais empurraram-no, e Devlin teve de se lembrar que des-



locá-los fisicamente era considerado uma agressão no mundo mortal — e que a agressividade não era uma qualidade que ele devesse adotar. Trilhou o seu caminho pela multidão.

Com o barulho e a música estrondosa, as sombras e as luzes a piscar, o Crow's Nest apelava ao lado discordante da sua ascendência.

— Estou à procura do Seth — disse à empregada do bar.

— Ainda não está cá. — Olhou de relance para o pulso de Devlin, procurando a pulseira com a idade, que indicaria se ele estava ou não autorizado a pedir bebidas alcoólicas.

Devlin mudou a sua aparência para que ela pudesse ver uma tira de plástico brilhante, branca sob as luzes negras que pendiam sobre o bar.

— Vinho. Branco. — Pousou uma nota no bar.

— Troco?

Devlin abanou a cabeça. Trocar fundos monetários por álcool era estranho; no Mundo das Fadas, tais transições eram desnecessárias. O que alguém queria era simplesmente fornecido.

A empregada do bar pegou numa garrafa de *Chardonnay*, encheu um copo de cocktail e pousou-o no bar. Era o copo errado e o vinho era barato, mas Devlin não esperara muito mais do Crow's Nest. A mão da empregada ainda estava a pegar no copo baixo quando Devlin pôs a mão do outro lado, entrelaçando os seus dedos nos dela, prendendo-lhe a atenção.

— Chamo-me Devlin.

Ela fez uma pausa.

— Eu lembro-me de ti.

— Ótimo. Vais dizer-lhe que estou cá — disse Devlin.

A empregada assentiu com a cabeça e voltou-se para o cliente seguinte.

Nem o porteiro nem a empregada do bar tinham visto Seth, mas, entre os dois, Devlin tinha garantido que Seth iria saber que estava à procura dele, assim que chegasse.

Com a bebida na mão, Devlin retirou-se para a periferia. Algo no bar estava a fazer com que Devlin desejasse a libertação de uma luta.

Olhou por cima da multidão, mas não foi Niall nem Seth que viu na pista: Bananach estava de pé, nas sombras, do outro lado da sala. A sua presença explicava o desejo acrescido por violência. Assim como a presença de Sorch a acalmava, a presença de Bananach fazia-o sentir impulsos desordeiros.

Se Sorch soubesse que a sua irmã louca estava no bar preferido de Seth, a ansiedade ilógica que afetava a Rainha Suprema ultimamente iria



piorar. Se Bananach ferisse Seth, Sorcha ficaria... Devlin não conseguia imaginar *como* ela iria ficar. Contudo, estava certo de que precisava de convencer Bananach a ir embora, antes que Seth chegasse. Era preferível que Seth voltasse para o Mundo das Fadas — pelo menos até que a possibilidade de haver uma verdadeira guerra no mundo mortal tivesse passado. Se Seth ficasse ferido, Sorcha poderia muito bem envolver-se numa batalha com Bananach e *isso* não poderia acabar bem para ninguém.

Devlin não se preocupou com cortesias sociais enquanto se encaminhava para Bananach. Em vez disso, cobriu-se com o seu encantamento como se fosse uma sombra, para esconder a sua presença, e empurrou os mortais para fora do caminho.

Agressão lógica e necessária.

— Irmão! — Bananach sorriu-lhe e atirou um mortal ao chão casualmente.

Desencadeou-se uma pequena luta quando dois rapazes se culpavam mutuamente. Um deu um murro. O que estava no chão levantou-se cambaleante.

— Como estás, Irmã?

— Estou bem. — Sacudiu o pulso e fez um corte fino num mortal que ainda não estava na contenda. Não era uma ferida grave, mas os seus dedos com pontas em garra estavam ensanguentados. Nem a sua presença nem a luta aconteceram por acaso, mas Devlin não estava ainda certo de quais seriam os planos dela, apenas estava certo de que os tinha. A guerra pode começar na loucura, mas para prosperar tem de ser calculista — e Bananach era a encarnação da guerra.

A sua loucura intermitente estava cada vez mais ausente, à medida que Bananach se tornava mais poderosa. A presença visível da sua força estava nas suas asas ensombradas — que já não eram sombras. Tinham-se tornado reais. Bananach retirava força das desconfianças e conflitos crescentes entre as cortes, e a sua força permitia-lhe aumentar os conflitos. Era um ciclo mortífero — um ciclo que Devlin não sabia como terminar. Bananach manipulava as cortes, as fações dentro de cada corte, e a sua irmã até estarem à beira da guerra. Devlin já a tinha visto fazê-lo ao longo dos séculos, mas desta vez tinha receio que não escapassem sem mais mortes do que poderia permitir com à-vontade. A última vez que Bananach tinha sido tão eficiente fora quando a agora falecida Rainha do Inverno, Beira, tinha assassinado o último Rei do Verão, Miach. Miach fora o opositor de Beira, o seu amante e o pai do seu filho. As consequências da sua morte tinham deixado as cortes em desequilíbrio durante nove séculos.



Devlin puxou uma cadeira para a sua irmã. Assim que ela se sentou, ele puxou outra cadeira e sentou-se ao seu lado.

— Querias lutar?

— Contigo não, querido. — Deu-lhe palmadinhas na mão distraidamente, enquanto observava os mortais a lutar. — Se a Corte das Trevas pudesse alimentar-se das emoções dos mortais e das emoções das fadas... isso iria *mudar* as coisas, não iria? Imagina, se eu conseguisse fazer com que fosse assim.

— Não podem. *Tu* não podes — referiu Devlin. A Corte das Trevas prosperava em tempos de discórdia, mas era-lhes negado o acesso às turbas de mortais emotivos que os rodeavam.

— Talvez. — Desenhou uma linha recortada pelo seu antebraço abaixo, com um dos seus dedos com garras. — Ou talvez precise apenas do sacrifício certo. — Estendeu o braço, girando-o para que o sangue escorresse para o copo dele. — O sangue fortalece o Mundo das Fadas. *Ela* esquece-se, finge que não é como nós.

Devlin pegou no copo de vinho e sangue que agora rodopiavam em conjunto.

— A Sorcha *não* é como tu, e tu — Devlin ergueu o copo, fazendo um brinde — não és como ela.

A Guerra esfaqueou um mortal que passava.

— Somos todos — fadas, mortais e *outras* criaturas — iguais. — Levantou-se e esfaqueou o mortal uma segunda vez. — Lutamos. Sangramos. — Olhou em redor da sala para alguém e sorriu. — E alguns de nós vão morrer.

O mortal fez pressão com a mão num dos lados do corpo, mas o sangue não abrandou.

— Aparece para jantar em breve, meu amor. — Bananach inclinou-se e pôs a mão ensanguentada em concha sobre a face de Devlin. Endireitou-se. — Olá, meu cordeirinho lindo.

Seth aproximou-se deles, lançando um olhar fulminante a Bananach.

— Sai, *já*.

Devlin colocou-se em frente a Seth, bloqueando-lhe o acesso a Bananach. Apontou para o mortal no chão.

— Aquele está ferido.

Seth ergueu um punho.

— Por causa dela.

— Podes ajudá-lo, ou discutir com a Guerra — disse Devlin. — Não podes fazer as duas coisas.

Seth franziu o sobrolho.



— E tu não fazes nenhuma delas.

— Não é essa a minha função. — Por um momento inesperado, Devlin perguntou-se se o rapaz às vezes-mortal-às-vezes-fada iria lutar com Bananach ou salvar o mortal ferido. Esperou não ter de tentar arrancar Seth das mãos de Bananach esta noite.

Será lógico o suficiente para sacrificar um mortal e atacar Bananach ou piedoso o suficiente para salvar o mortal e planejar confrontar a Bananach mais tarde?

Depois de um longo olhar de desdém a Devlin, Seth levantou o mortal ferido.

— Pelo menos, ajuda-me a levá-lo até à porta.

Bananach desviou-se para o lado e observou, com um sorriso de espanto nos lábios. Ela, indubitavelmente, tinha também medido as possibilidades. O conhecimento das ações de Seth seria contabilizado na sua próxima manobra. A estratégia que existia por trás da maximização dos conflitos exigia perícia e paciência.

Devlin abriu caminho para que não fossem empurrados. Não era propriamente daquela forma que esperara que a noite decorresse, mas o seu objetivo principal estava cumprido: Seth estava ileso. Considerando todas as coisas, tudo estava o melhor possível. Depois, viu-a.

Seth passou por Devlin, bloqueando a vista de tudo o resto por momentos.

— Esperas aqui? — Seth trocou a mão que segurava o mortal ferido. — Vou levá-lo para o...

Mas o resto das palavras que disse perdeu-se para Devlin: a rapariga riu-se, alegre e desinibida. Distraidamente, Devlin assentiu com a cabeça e aproximou-se da multidão, aproximou-se dela.

Ani.

Tinha o cabelo mais curto: cortado rente atrás para lhe emoldurar o rosto, mais comprido à frente para que as pontas pintadas de cor-de-rosa lhe roçassem a beira da linha do maxilar. Os seus traços eram demasiado comuns para ser realmente bela e, no entanto, demasiado feéricos para ser realmente comum. Se Devlin não soubesse já que ela era uma *halfling*, um olhar sobre os seus olhos demasiado grandes e estrutura óssea angular seria razão suficiente para suspeitar de uma ascendência feérica.

A Ani. Aqui.

Ao seu lado, estava o irmão, o tatuador que ligara os mortais às fadas através das fatídicas tatuagens, e que criara as suas irmãs *halflings*, como se fossem as suas próprias filhas.

— Rabbit! De onde vieste? — Ani sorriu-lhe.



— Ficaste de ligar há uma hora.

— A sério? — Ani inclinou a cabeça e esbugalhou os olhos com um ar suplicante. — Se calhar, esqueci-me.

— Ani. — Rabbit fulminou a irmã com o olhar. — Já falámos sobre isto. Tens de me avisar quando a Tish está contigo.

— Eu sei. — Ani não estava minimamente a pedir desculpa. O queixo levantou-se; os ombros endireitaram-se. Numa matilha, seria obviamente um alfa. Mesmo com o irmão mais velho, estava a tentar desafiar a ordem da hierarquia. — Mas queria que viesses sair connosco e, se não ligasse, sabia que tu...

— Devia arrastar-te daqui para fora — rosnou-lhe Rabbit.

Ani pôs-se em bicos de pés para lhe beijar o queixo.

— Tenho saudades tuas. Ficas para dançar?

A expressão de Rabbit suavizou-se.

— Uma canção. Ainda tenho de ir trabalhar hoje.

— ‘Tá bem. — Ani agarrou as mãos da sua irmã, Tish. Empurraram outra rapariga para cima de Rabbit e depois puxaram vários mortais para elas, e todos eles se contorceram como se o fogo lhes queimasse a pele. A sua dança era alegre e livre, de uma forma que Devlin admirava.

Quero juntar-me a ela. Apercebeu-se disso e assustou-se. A Canídea era da Corte das Trevas, mortal, predadora, uma variedade de coisas que ele não devia considerar tentadoras. *Ou belas.* Mas considerava. A liberdade e agressividade dela faziam-na parecer a fada mais bela que ele já tinha visto. Nem que fosse só por um instante, Devlin desejou poder entrar no mundo dela. Era um impulso desviante: Ani não devia prender-lhe a atenção como estava a fazer nesse momento. *Ninguém devia. É ilógico.*

Quando a canção acabou, uma rapariga mortal sussurrou ao ouvido de Rabbit. Ele pôs-lhe um braço sobre os ombros, mas antes de ir embora, parou para dizer às irmãs:

— Portem-se bem. Estou a falar a sério.

Ambas assentiram com a cabeça.

— Liguem, se precisarem de mim — acrescentou Rabbit. Depois, levou a mortal para o meio da multidão.


A música recomeçou, e Tish bateu no ombro de Ani e disse:

— Dança, tolinha.

Ani rosnou a fingir, e ambas deram risadinhas.

Devlin observava Ani, petrificado como nunca tinha estado antes. Ela nem devia estar viva. Se tivesse obedecido à sua rainha, Ani estaria morta há muito. Mas aqui estava ela, viva e *vibrante*.

Depois da primeira vez, Devlin nunca a tinha procurado. Tinha-a



visto de passagem, mas mantivera-se longe dela. O seu único encontro intencional com ela fora quando tinha sido enviado para a matar — e não o fez —, mas à medida que a observava nesse preciso momento, perguntava-se se devia corrigir o seu descuido.

O pedido que a Rae fez foi para poupar a Ani, não para a deixar viver para sempre.

A lacuna estava ali; sempre estivera ali. Ani era a prova da mentira de Devlin, a confirmação do seu fracasso, e a fada mais cativante que já vira.

CAPÍTULO 7

Ani deixou-se perder na música e no mar de corpos que se agitava violentamente durante horas. As noites em que ia ao bar eram essenciais, à medida que os seus apetites se tornavam mais intensos. Quando Gabriel a tirara da casa que partilhava com Rabbit, a sua família e corte agiram como se a sua capacidade de se alimentar das emoções dos mortais fosse um segredo que ela escondera. Não era, era algo recente. Um apetite equivalente pelo toque crescera nos últimos meses, e ela não conseguia controlar nenhum deles com confiança. Andava a tentar — e a falhar — desde que se apercebera deles pela primeira vez.

— Importas-te que voltemos a sair? — gritou Tish ao ouvido de Ani.

Tish apontou para a margem da multidão. Glenn estava a fazer outro intervalo, e como tinha feito em todos os outros, procurara Tish infalivelmente. Sempre que ele vinha na direção delas, Tish perguntava e, de todas as vezes, Ani assentira com a cabeça. Nunca impediria algo que deixasse a sua família feliz.

Antes que Tish conseguisse alcançar a mão de Glenn, um tipo com roupas de *punk*-por-uma-noite agarrou-a pelas ancas.

Ani rosou tão alto que Tish pareceu alarmada.



— Ani!

Controlando o seu temperamento, Ani voltou o olhar para a irmã. O tipo disse qualquer coisa grosseira e continuou o seu caminho.

— Olhos! — sussurrou Tish. — Olhos. Já.

— Desculpa. — Ani fechou os olhos, fazendo desaparecer o verde sulfuroso que sabia que Tish ali vira repentinamente.

— Estou bem, NiNi — garantiu Tish. Aproximou-se mais e sugeriu: — Mas tu devias comer.

Ali, na multidão e rodeada de corpos, Ani podia libertar um pouco o controlo sobre o seu apetite. Era suficientemente da Corte das Trevas para aproveitar a vaga de emoções, suficientemente Canídeo para engolir a sensação do toque, e suficientemente estranha para o fazer tanto com mortais como com fadas. O Crow's Nest oferecia tudo isso.

Ani abriu os olhos novamente castanhos.

— Estás bem? — perguntou Tish. — Posso ficar contigo. O Rab vai para casa, agora que sabe que estamos bem e...

Ani abanou a cabeça.

— Estou bem. Vai lá.

— Se tu...

— Vai. — Ani empurrou a irmã gentilmente para o abraço de Glenn.

Glenn lançou-lhe um olhar inquisidor. Podia não saber o que ela era ou de que precisava, mas conhecia-a há tempo suficiente para reconhecer que ela estava à beira de ter problemas.

Como é que os Canídeos aguentam? Gabriel lidava com o seu apetite através das lutas; Rabbit através das tatuagens; e Tish parecia não ter um apetite de pele. Talvez fosse mais fácil tendo apenas um apetite para suprimir. Talvez fosse mais fácil com uma matilha para ser acolhida. *Em vez de estar sempre sozinha.*

Ani embrenhou-se mais na multidão, esperando por um aperto que fosse suficiente para que conseguisse perder-se novamente.

Enquanto deslizava pelos braços esticados e ancas que giravam, viu-o: uma fada estava na periferia da multidão, perto apenas o suficiente para ela conseguir perceber que ele era alguém totalmente novo. As fadas solitárias passavam por Huntsdale regularmente. Haver vários regentes num só lugar era uma anomalia, e as fadas ficavam sempre intrigadas com as anomalias.

A fada no limiar da multidão estava abstraída dos olhares avaliadores que estava a receber, mas ter-se-ia destacado mesmo que estivessem num bar feérico como o Rath and Ruins. O cabelo era tão claro que pa-



recia branco, e Ani suspeitava que os fulgores de cor não eram apenas o reflexo das luzes do bar, mas um pouco da sua aparência verdadeira. Era um regalo para a vista. *E está a olhar para mim.*

Ani parou de se mexer e perguntou:

— Vens cá ou ficas só a olhar?

Ninguém à sua volta iria ouvi-la a perguntar, mas o regalo para a vista em questão era uma fada. Ouviu-a e respondeu:

— Não me parece nada sensato.

Ani riu-se.

— Que interessa isso?

Como muitas fadas que Ani conhecia, ele era perfeito como uma escultura, mas em vez de ser tecido de sombras como as fadas da sua corte, esta fada dava uma sensação de confusão. *Sombra e resplendor.* Não lhe parecia muito mais velho do que ela, até se aperceber da arrogância na sua atitude. Então, lembrou-lhe Irial, Bananach, Keenan, as fadas que caminhavam pelas cortes e multidões seguras de poderem chacinar todos os presentes. *Como o caos numa jaula de vidro.*

— Vem dançar. — Ani voltou-lhe então as costas e deixou-se ser arrastada pela multidão. Havia mãos e emoções em seu redor; era como afogar-se na euforia e na carência.

E ele está a ver.

Ani olhou de relance para as sombras onde ele se encontrava. Ele não se tinha mexido. Por isso, ela susteve-lhe o olhar enquanto dançava, não pelos mortais que estavam presentes, não pelas sensações que cada roçar de pele trazia à superfície.

— Vem dançar comigo — sussurrou.

Ele olhou-a fixamente, sem sequer olhar de relance para mais ninguém, mesmo quando falavam com ele ou ficavam no seu caminho. Para ele, mais ninguém estava ali. *Só eu.*

Vinte minutos mais tarde, a banda fez um intervalo, e a pista esvaziou o suficiente para que houvesse mais espaço para dançar.

Ele continuava no mesmo lugar.

Ela considerou ir até ele, mas não era um animal de estimação, para ser chamada. Era uma Canídea. Ele podia vir ter com ela.

— Ei! — disse Tish.

Glenn tinha um braço à volta de Tish de forma protetora.

— Vais sair connosco? — Tish não conseguia estar quieta. Podia ser mais mortal do que fada, mas tinha a tendência dos Canídeos para estar sempre em movimento.

Atrás dela, Glenn estava imóvel.



A música do bar começou a tocar, para preencher o silêncio enquanto a banda estava na sua pausa.

Ani pegou nas mãos da irmã, e dançaram perto de Glenn como sempre tinham feito. Agora era diferente. Antes, Glenn sempre olhara para elas como se estivessem prestes a consumir o bom senso de todos. Agora, observava Tish, como se ela fosse o seu próprio paraíso pessoal.

— Estou bem aqui — disse Ani enquanto fazia Tish rodopiar de volta para os braços de Glenn. — Vai lá.

— Precisas dos meus óculos? — Tish foi à pequena mala que trazia ao ombro. Os óculos de emergência tinham-se tornado numa necessidade desde que Ani começou a mudar. O momento dos olhos verdes que acontecera antes fora demasiado arriscado para Tish.

— A sério, estou bem. — Ani beijou a irmã na ponta do nariz. — Vai — captou então o olhar de Glenn — e tu, cuida dela, senão...

Glenn bufou.

Tish pôs-se entre os dois. Franziu os lábios enquanto olhava para Ani.

— Porta-te *tu* bem. O Glenn é nosso amigo.

— Se não a tratares como se ela fosse de porcelana, se se magoar o mínimo que seja — Ani estendeu a mão e pegou na de Tish sem olhar, — seria mau. Só estou a dizer isso. Não queiras conhecer os meus parentes.

— Já olho por ela — e por ti — há anos. — A atitude de Glenn alterou-se para algo mais suave. — Mais depressa me punha à frente de um punho ou uma faca ou *seja o que for* do que deixava a Tish magoar-se. Por esta altura, já devias saber isso.

— Fixe. — Ani abraçou-o. — Saiam da minha pista de dança, então.

Tish hesitou, por isso Ani agarrou a mão de um tipo que passava.

— Queres dançar?

Ele assentiu com a cabeça, e Ani levou-o para o centro da multidão que restava. Não precisou de olhar para saber que *ele* ainda estava a assistir — ou que ouvira cada palavra que ela tinha dito. O aviso fora tanto para ele como para Glenn.

Aviso justo. Oportunidade justa para fugir.

Se não fosse pela dor que a consumia por dentro, Ani poderia perguntar-se porque estaria ele a observá-la durante toda a noite. Se não fosse pelo facto de ter o antigo Rei das Trevas como seu cavaleiro de armadura reluzente pessoal, poderia preocupar-se um pouco mais. Esta noite, não tinha a certeza de *conseguir* preocupar-se. Precisava de se perder na música.

Quando a banda voltou para o palco, o seu parceiro de dança afastou-se, mas ela não o seguiu.



— Vem dançar — disse novamente. — Sei que estás a ver. Sai e vem brincar.

Alguns momentos depois, ele veio colocar-se — imóvel — na pista de dança.

— Já não era sem tempo. — Ela girou, ficando de frente para ele, e deslizou as mãos pelo peito dele, suficientemente devagar para sentir os músculos dele sob a camisa. — Pensei que ias fazer-me perseguir-te. — Ani deixou as mãos deslizarem sobre os ombros dele e à volta da sua nuca.

Ele ficou imóvel, enquanto ela o fazia.

— És uma tontinha, não és?

— Naaa. — Ela inclinou a cabeça para poder olhar para ele. Em redor, os corpos batiam contra eles. A música era ensurdecadora e, se ele não fosse uma fada, ela teria de gritar por cima do barulho.

— Eu podia ser qualquer um. — Tinha os braços à volta dela de forma protetora, no meio da turba que se contorcia. — Estás vulnerável, aqui.

Uma fada que ela não conhecia, uma fada que não estava a ser levada para fora do seu alcance, tinha-a nos seus braços — e o apetite doloroso dentro dela diminuiu. Ele era uma fada forte, talvez mais forte do que qualquer uma que ela tivesse conhecido, e pedaços da sua energia penetravam na pele dela onde lhe tocavam. *Eu podia morrer feliz agora... ou ele podia.* Tentou não pensar no perigo em que o poria se cedesse totalmente aos seus impulsos.

— Tens um ar perigoso... e também dás essa sensação — respondeu tanto à pergunta dele como aos seus próprios pensamentos.

Ele mexeu-se para que ficassem mais perto da beira da multidão, manobrando-a em direção às sombras ao longo da parede.

— Então diz-me: porque estás agarrada a mim? — perguntou.

— Porque eu também sou perigosa — admitiu Ani.

Ele nada disse, mas também não fugiu.

Ela pôs-se em bicos de pés e encostou os seus lábios contra os dele.

Um prisma de energia inundou-a quando ele abdicou de qualquer controlo que pudesse ter estado a usar para manter as suas emoções à distância. *Carência. Remorsos. Espanto. Raiva. Fome. Confusão.* Ani deixou que tudo isso lhe entrasse na pele. Absorveu a respiração e a vida dele para o seu corpo. Ficou tensa, como se estivesse prestes a correr contra algo feroz, como se este fosse o único momento entre ela e a fome.

Apesar da energia que retirara dele, ele estava firme enquanto a agarrava. Passou um braço pela cintura dela.

Os braços dela ainda estavam à volta do pescoço dele, e os dedos



estavam a agarrar-lhe os cabelos. Os lábios de Ani latejavam. Todo o seu corpo pulsava com a energia que estava a roubar.

Ele parou o beijo.

— Tu estás... o que *estás* a fazer, Ani?

— Estou a beijar-te. — Ani ouviu a sua voz ao dizê-lo. Não havia nada de mortal naqueles sons. Era a Filha da Caça, e ele era a sua presa.

Eu não devia.

Conseguia ouvir cada batida de coração na sala, sentir as ondas de som que ribombavam pelo ar, saborear o fôlego do próprio tempo a escapar-se.

Ele olhou-a fixamente.

— Não foi por isto que vim cá.

— Mas é razão para ficar?

Quando ele não respondeu, ela pôs as mãos atrás de si e juntou-as com firmeza para não poder tocar-lhe.

— Podes parar — sussurrou. — Quando quiseres... podes simplesmente parar... ou... não...

Ele deu um passo atrás. As suas emoções estavam agora bloqueadas atrás de um muro que ela não conseguia penetrar. Tanto o toque como as emoções dele estavam a ser-lhe negados.

Ani mordeu o lábio para conter um soluço. Estar tão perto da energia que rodopiava dentro dele e ser impedida parecia-lhe um crime. Sentiu o sabor de sangue, sentiu-o a brotar do seu lábio inferior.

Ele estendeu um dedo e tirou a gota de sangue. Ela sentiu a sua respiração quente no rosto enquanto o olhava fixamente. Ele manteve a mão erguida entre eles.

Demasiadas fadas conseguiam seguir um rasto através do sangue. Ela conseguia. Todos os Canídeos conseguiam.

Será que ele consegue?

Ela ficou a olhar para o sangue na ponta do dedo dele.

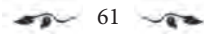
— É teu — disse — por mais um beijo.

Ele pode ser qualquer um. O que estou eu a fazer?

Mas o muro que ele erguera desapareceu, e as suas emoções desabaram sobre ela. Ele estava entusiasmado, com medo, esfomeado. Aproximou-se mais dela.

— Afasta-te dela — interrompeu-os uma voz. Alguém o puxava para fora do seu alcance. — Larga-a.

— Largo-a? — A fada que Ani tinha estado a beijar voltou a erguer os seus muros violentamente, negando-lhe o acesso às suas emoções, afastando-a novamente do banquete.





Ani pestanejou, tentando concentrar-se através dos arco-íris que lhe toldavam a visão. Beijá-lo fizera com que os seus apetites desaparecessem. Fez com que tudo ficasse bem.

— Tens de ir dar uma volta, Ani. — O seu pretenso salvador agarra-lhe o braço e estava a recuar, levando-a para longe da fada deliciosa de beijar.

Ela voltou a sua atenção para a interrupção.

— *Seth*. O que estás a fazer?

Seth franziu-lhe o sobrolho e depois dirigiu as suas palavras para a fada.

— Ele tem de ir embora. Já.

A fada observou ambos com uma expressão de espanto.

— Como desejares.

E desapareceu no meio da multidão.

— És uma melga, Seth. — Ani empurrou-o. Se não acabasse por lhe trazer muito mais complicações do que ela poderia suportar, cederia ao impulso de lhe pôr o nariz a sangrar. Em vez disso, perseguiu a fada pálida pelo bar. Atravessou a multidão aos empurrões.

Ele parou à porta, e observando-a enquanto o fazia, levou o dedo aos lábios.

Merda.

Ani paralisou — e ele foi-se embora.

Com o sabor do meu sangue.